

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**USOS DO PASSADO E DIVULGAÇÃO HISTÓRICA: história e  
jornalismo na produção de *Aventuras na História* (2010-2017).**

**USES OF THE PAST AND HISTORIC DISCLOSURE: history and  
journalism in the production of *Adventures in History* (2010-2017).**

**MARIANA-MG  
2018**

LORRAINE MARILYN LEONEL

**USOS DO PASSADO E DIVULGAÇÃO HISTÓRICA: história e jornalismo na  
produção de *Aventuras na História* (2010-2017).**

**USES OF THE PAST AND HISTORIC DISCLOSURE: history and journalism in the  
production of *Adventures in History* (2010-2017).**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Ouro Preto, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em História, para a obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Poder, Linguagens e Instituições.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Santos Abreu

**MARIANA-MG  
2018**

L583u Leonel, Lorraine Marilyn.  
Usos do passado e divulgação histórica [manuscrito]: história e jornalismo na produção de Aventuras na História (2010-2017) / Lorraine Marilyn Leonel. - 2018.  
100f.: il.: color; tabs.  
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Santos de Abreu.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.  
Área de Concentração: História.  
1. Periódicos . 2. Memória. 3. Brasil - História. 4. Indústria cultural. I. Abreu, Marcelo Santos de . II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.  
CDU: 94(81)(043.3)



Lorraine Marilyn Leonel

“Usos do passado e divulgação histórica: história e jornalismo em Aventuras na História (2010-2017)”

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em História da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Mariana, 20 de Novembro de 2018.

*Participação por videoconferência*

**Prof. Dr. Marcelo Santos de Abreu**

Departamento de História/UFOP

*Mateus Favaros*

**Prof. Dr. Mateus Fávoro Reis**

Departamento de História/ UFOP

*Frederico de Mello B. Tavares*

**Frederico Mello Brandão Tavares**

Departamento de Jornalismo/ UFOP

## AGRADECIMENTOS

A jornada desse mestrado foi cheia de desafios e motivações para a desistência. Aprendi a ter persistência e a acreditar que mesmo nos momentos mais complicados. Ser estudante no Brasil é desafiador e nos coloca sempre no dilema de ter de trabalhar para ter o mínimo de conforto e condições de estudos. A falta de bolsas de incentivo à produção acadêmica é a espécie mais potente de desestímulo e frustração. Ver que a escolha de se dedicar a educação é cada vez mais desafiadora e desvalorizada agride de forma intensa esse meu coração e pensamento. Contudo há pessoas que me deram razão para continuar.

Aos meus pais Eder e Zulema que sempre me apoiaram e incentivaram, agradeço imensamente. São as pequenas atitudes e palavras de apoio que me fizeram mais forte.

Agradeço a minha irmã Giovanna, que dividindo comigo as questões da academia e da educação no país me fez refletir diversas vezes.

Outro agradecimento vai às minhas companheiras de mestrado e amigas Mayra Marques e Amanda Queiroz que também passando pelos dilemas da produção acadêmica foram importantes nas alegrias, nas esperanças, nas tristezas e nas horas de falta de estímulo.

Agradeço aos familiares mais próximos que sempre perguntavam e deram força para que eu me sentisse incumbida a terminar o que me havia sido proposto de ser o primeiro membro da família a ter seguido a tentativa de carreira acadêmica. Não desistir! Se a característica atribuída aos brasileiros em geral é a persistência, foi essa a intenção aqui.

Agradeço ao meu orientador Marcelo Abreu pela paciência e por compreender meus horários e necessidades. Por se colocar à disposição sempre que necessário! Isso é imensamente importante para essa estudante angustiada!

Ao Frederico Tavares pelas dicas e pela atenção dada no momento em que mais precisei de foco.

Agradeço também ao Mateus Fávoro pelas observações atenciosas e elucidativas realizadas durante a qualificação.

Agradeço enormemente à UFOP por ter me proporcionado um espaço de conhecimento e diálogo, dando a possibilidade de novos olhares, novas relações com o mundo.

Agradeço aos seres de luz pela caminhada, pelos medos e receios e também pela força e coragem. Sem essa certeza espiritual nada me seria possível. Essa conquista é de cada um que esteve comigo e me deu confiança para chegar ao fim.

*“As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos.” (Rubem Alves)*

*“Digo, o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. (Guimarães Rosa)*

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender como a história tem sido apresentada em *Aventuras na História* entre 2010 e 2017. A revista apareceu junto com outras publicações similares no contexto das comemorações do quinto centenário da descoberta do Brasil. Assim, a princípio, analisamos a relação entre o crescimento do interesse na história e os ciclos comemorativos. Colocamos *Aventuras na História* em um conjunto de outras formas de apresentação do passado nacional que aparecem ao mesmo tempo no mercado editorial e na mídia de massa. Também descrevemos os principais assuntos históricos abordados na revista. No segundo momento, analisamos como o uso de imagens no tratamento dos sujeitos privilegia a história do Brasil, seus personagens e eventos canônicos. A história apresentada em *Aventuras na História* está próxima do factual, do episódico e das formas de apresentação das figuras contemporâneas na cultura de massa. Assim, nosso estudo contribui para a compreensão da cultura histórica contemporânea e o papel da indústria cultural na produção do passado.

**Palavras-chave:** Aventuras na História. Revistas de divulgação histórica. Cultura de História. Comemoração. Brasil.

## ABSTRACT

This study aims to understand how history has been shown in *Adventures in History* between 2010 and 2017. The magazine appeared along with other similar publications in the context of the celebrations of the fifth centenary of the discovery of Brazil. Thus, at first, we analyze the relationship between the growth of interest in history and commemorative cycles. We place *Adventures in History* in a set of other forms of presentation of the national past that appear at the same time in the publishing market and mass media. We also describe the main historical subjects covered in the magazine. In the second moment, we analyze how the usage of images in the treatment of the subjects privileging the history of the Basil, its characters and canonical events. The history presented in *Adventures in History* is close to the factual, the episodic and the forms of the presentation of contemporary figures in the mass culture. Thus, our study contributes to the understanding of contemporary historical culture and the role of the cultural industry in the production of the past.

**Key words:** *Adventures in history*. Historical Magazines. Historical Culture. Celebration. Brazil.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O nascimento de Vênus.....	21
Figura 2 – Planta da Basílica de Santa Sofia (Hagia Sofia). ....	21
Figura 3 – Infográfico sobre a AIDS. ....	22
Figura 4 – Suvenir de Auschwitz. ....	23
Figura 5 – <i>Bullying</i> na escola. ....	25
Figura 6 – A diversidade de Jesus. ....	28
Figura 7 – Jesus. ....	29
Figura 8 – Calígula e Cleópatra.....	30
Figura 9 – 10 maiores nomes da história da humanidade. ....	32
Figura 10 – O fim do mundo. ....	33
Figura 11 – Igreja e ditadura. ....	34
Figura 12 – O Negro nas olimpíadas.....	37
Figura 13 – Fidel Castro. ....	38
Figura 14 – Nelson Mandela. ....	46
Figura 15 – Xica da Silva .....	47
Figura 16 – São Francisco .....	48
Figura 17 – Luiz Carlos Prestes.....	49
Figura 18 – Seção Carta de leitores .....	51
Figura 19 – Seção Cartas de Leitores .....	54
Figura 20 – Seção Cartas de Leitores .....	55
Figura 21 – Seção Cartas de Leitores .....	56
Figura 22 – Não foi Cabral.....	57
Figura 23 – Não foi Colombo.....	58
Figura 24 – Dom Pedro e a princesa Isabel. ....	59
Figura 25 – 1822.....	60
Figura 26 – Os dez brasileiros fundamentais.....	62

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1: COMEMORAR E CONSUMIR HISTÓRIA.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Comemorar e publicar história.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 Consumir e apresentar história.....</b>	<b>17</b>
<b>1.3 Público e curiosidades históricas.....</b>	<b>26</b>
<b>CAPÍTULO 2: IMAGINAR O PASSADO EM AVENTURAS NA HISTÓRIA. ....</b>	<b>39</b>
<b>2.1 O enquadramento do passado em <i>Aventuras na História</i>. ....</b>	<b>39</b>
<b>2.2 Imagem e tematização do passado em <i>Aventuras na História</i>. ....</b>	<b>42</b>
<b>2.3 A história do Brasil e seus personagens em <i>Aventuras na História</i>. ....</b>	<b>53</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>65</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>70</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>75</b>

## INTRODUÇÃO

O trabalho tem por objetivo analisar as publicações da revista Aventuras na História, inicialmente pertencente ao rol da editora Abril e agora da editora Caras. O recorte utilizado vai de meados de 2010 a 2017 e foi determinado devido as mudanças ocorridas no país, sobretudo no campo social e político, o que causou desdobramentos na educação brasileira. Utilizei meu acervo pessoal para a pesquisa. O objetivo se pautava na busca pela compreensão da “curiosidade” dos temas históricos no presente, relacionando-os à dimensão do imaginário social relativos a alguns assuntos. A análise se debruçou sobre o projeto editorial para a revista e o que se buscava no momento de sua criação. A forma com que a escrita sobre história se dá na revista e a relação com a produção por jornalistas também teve atenção. A utilização de imagens e os profissionais envolvidos, buscando o debate junto às efervescências de produções de caráter histórico nos últimos anos, que, sobretudo após o ano de 2000 com a comemoração dos 500 anos do “descobrimento” do Brasil assumiu uma intenção de denúncia de problemas sociais e estruturais, de aproximação do grande público com a história do país e conseqüentemente a produção de best seller sobre personagens históricos e passagens da história brasileira.

Apesar de tal movimento de procura e produção de obras históricas não seja exclusividade brasileira nesse período, o caso aqui se limita ao país por se tratar de uma revista nacional desenvolvida para estudantes e interessados em geral. A intenção de reconstruir acontecimentos e trajetórias de personagens importantes na história brasileira fica evidente já logo na visualização das capas. Claro que a revista não se limita ao Brasil, mas a grande maioria das matérias e capas se dedica a tratar de temas caros, importantes, icônicos e até mesmo pitorescos do país. Todo e qualquer momento pode ser lembrado e desvendado como uma reportagem dos dias de hoje. Também é comum a utilização de termos atuais e o anacronismo está sempre presente. A leituras das matérias indica o desejo que o leitor sinta que grandes personagens também faziam coisas simples, estranhas e até mesmo bizarras. Procura produzir a identificação entre acontecimentos e pessoas, trazendo ao presente ações do passado. Possui uma forma própria, representa o passado com lógicas e termos da atualidade. Essas formas requerem um tipo de texto e projeto gráfico adequados ao interesse do público consumidor interessado em informações históricas. E para tanto, a revista demonstra com vendagem e com cartas de leitores que o profissional do jornalismo seria o mais apto para essa adaptação, destituindo da história a complexidade natural.

As apropriações e construções de sentido são importantes para pensar as representações. A questão central que busquei compreender como pesquisa está nos temas: produção após aos 500 anos do “descobrimento” do Brasil, a produção de história por jornalistas e a visão da história do Brasil e do mundo na revista.

A produção da dissertação seguiu a partir dos resultados obtidos na monografia que produzi durante o último ano da graduação e entregue em 2014. Com o interesse pela divulgação histórica e a produção de história por jornalistas deu-se origem a esse projeto. O banco de dados produzido durante a produção da monografia serviu de embasamento para o pensamento inicial.

## CAPÍTULO 1: COMEMORAR E CONSUMIR HISTÓRIA.

### 1.1 Comemorar e publicar história.

O interesse pelos temas históricos, principalmente nos últimos anos, sobretudo a partir dos anos 2000, pode ser pensado como curiosidade e/ou busca pelas origens de nossa organização e de nossa condição de vida. Numa busca pela internet percebe-se o quanto os últimos anos foram férteis em publicações de caráter histórico, produções cinematográficas, exposições, séries de TV. Esse movimento não é exclusividade brasileira, mas um fenômeno de popularização da história intensificado nos últimos 30 anos em todo o chamado mundo ocidental.

A análise de *Aventuras na História* que aqui proponho, vai de meados 2010 a 2017. Tal período se justifica a medida em que meu enfoque está no reflexo produzido a partir dos anos seguintes às comemorações dos 500 anos do “descobrimento”. Uma década depois o que teria permanecido ou se alterado daquele movimento de busca pela história do país? Se a ideia original era compreender o quanto a história ainda fascinava, agora se torna necessário pensar como ela motiva e justifica ações dentro da lógica mercadológica de produção e distribuição de material de caráter histórico. Contudo, comecemos pelas comemorações dos 500 anos do “descobrimento” do Brasil.

Com a aproximação da data comemorativa, a inquietação para com a necessidade de refletir e exprimir a identidade “nacional” se tornava maior entre aqueles que se colocam como representantes oficiais. Eventos diversos e produções das mais variadas formas “disseram”, cada uma a sua maneira, o que supostamente constituía nossas origens (como acredita-se no senso comum histórico, a busca pelos começos pode responder algumas perguntas). Buscar respostas para o que foi, era e seria o Brasil se tornou primordial, assim como em outras comemorações oficiais do passado. Assim sendo, o Estado apresentou-se como um dos principais agentes dessa empreitada, embora disputasse com outros atores sociais o conteúdo das narrativas.

Nesse sentido, emissoras de TV se dedicaram a produção de diversos programas, filmes, minisséries como, por exemplo, *A Muralha e Caramuru: a invenção do Brasil* e todos os eventos acerca dos relógios que foram colocados em diversas cidades para marcar a contagem regressiva para a data da comemoração. Com isso, a principal tarefa do governo era tornar a data de 22 de abril comemorável porque esse não era e não é um hábito no país, pois nem feriado nacional está previsto (CARVALHO, 1990; OLIVEIRA, 2000). Enquanto que o

21 de abril é amplamente comemorado e lembrado, dada a perenidade da Inconfidência como evento fundador desde o início do período republicano. E para dificultar ainda mais, o dia da comemoração passava despercebido (e ainda passa). E, portanto, era preciso criá-la. Mas, para além da mídia televisiva, a mídia impressa também se manifestou. A Folha de São Paulo, segundo Eneida Cunha, foi bem menos eufórica e mais crítica, deixando de lado o aspecto meramente festivo e apresentou duas linhas de matérias jornalísticas<sup>1</sup>. Uma delas se encarregou da cobertura e amplificação do debate sobre a cultura nacional e, de outro lado, o enfoque nos problemas sociais, políticos e culturais da nação como os efeitos da discriminação racial de negros e índios e da falta de voz e vez desses atores sociais. Nesse sentido, houve também investimentos no tema por parte de intelectuais, com a publicação de artigos nos quais as discussões giraram em torno das comemorações. Em uma busca rápida na base de dados Scielo, verifiquei algumas publicações relevantes referentes ao tema, a saber: 500 anos de relações entre Brasil e Portugal (SARAIVA, 2000) ; 500 anos de educação no Brasil (SAVIANI, 2000); E agora, cara pálida? Educação e povos indígenas, 500 anos depois (MONTE, 2000); 500 anos de periferia: uma contribuição ao estudo da política internacional (CHADE, 1999); A nação cordial: uma análise dos rituais e das ideologias oficiais de “comemoração dos 500 anos do Brasil (SILVA, 2003).

Segundo Silva (2002), as comemorações nacionais trazem por trás delas a questão do tempo com o passado da História e o presente da memória. E, ainda, a rememoração e as lembranças se fortalecem com as narrativas coletivas que também se reforçam por comemorações públicas de acontecimentos marcantes da história coletiva. Assim, a autora se utiliza de Paul Ricouer para pensar não só a rememoração e a memória, mas também o papel da linguagem nesse processo. Se pertencemos a grupos sociais portadores de memória, é essa memória que acaba por ser partilhada. E, para Ricouer, a memória é sempre de alguém que faz projeto e visa o que está por vir. Assim, Silva (2002) nos apresenta o seguinte quadro:

A esse propósito, as comemorações nacionais oferecem exemplos pertinentes, uma vez que elas são objeto de interesses em jogo (políticos, ideológicos, éticos, etc.). O uso perverso da seleção da memória coletiva encontra-se, portanto, nesse processo de “rememoração” social, cuja função é justamente a de impedir o próprio esquecimento. Apagam-se da lembrança as situações constrangedoras (por exemplo, nos “500 anos do Brasil”, os massacres indígenas, a escravidão negra, as violências na história), e privilegiam-se os mitos fundadores e as utopias nacionais (o “paraíso tropical” e o “país do futuro”). Ora, essa seleção da memória coletiva é comum em todas as comemorações de uma data nacional (SILVA, 2002, p. 330).

---

<sup>1</sup> CUNHA, Eneida. <http://www.comciencia.br/reportagens/501anos/br05.htm> (acesso em: 25/08/2014, 15:03).

Se naquele momento havia uma busca pelo que seria a identidade nacional, ele foi especial para o resgate de imagens, a retomada de ritos e mitos de fundação. E, claro, com tudo isso haveria de se pensar o sentimento de pertencimento. Todas as comemorações em suas variadas formas garantiriam a identificação de toda uma população tão diferente e ao mesmo tempo tão parecida? Ficou claro, porém, que aquelas práticas adotadas pelo Estado não estavam em consonância com a vivência real dos brasileiros. Fato é que no dia 22 de abril de 2000, em Porto Seguro, manifestantes (indígenas, militantes do movimento sem-terra, do movimento negro) foram duramente reprimidos pela polícia ao mostrarem em suas faixas e gritos, rostos e corpos, as formas de exclusão ainda permanentes nos 500 anos de história do país. Os periódicos deram visibilidade não só para as práticas de tentativa de comemoração, mas também para os problemas sociais enfrentados. Tanto as instituições do Estado e a Igreja quanto manifestantes serviram-se dos jornais para expor opinião e a situação que o país se encontrava.

Esse processo de seleção de memória manifestado nas comemorações se mostrou um problema bastante incômodo, tanto quanto a própria utilização do termo “descobrimento” amplamente utilizado que se tornou uma das questões em debate. A outra questão abordada por esses agentes de divulgação e construção do momento comemorativo foi a vocação do Brasil para o futuro, e dessa forma, o discurso se apegou a uma visão mítica: o paraíso tropical e o futuro para reforçar o imaginário coletivo e o orgulho nacional. Porém, se, as comemorações nacionais tinham por objetivo cristalizar as memórias coletivas, o 22 de abril de 2000, passou a ser uma lembrança negativa.

Assim, Matos (2000) nos coloca a questão da escolha do que lembrar:

No entanto, este exercício de memória coletivo não se faz sem crítica, sem reflexão. É preciso estar consciente de que o significado simbólico de uma data histórica foi habilmente construído, sendo o resultado de uma filtragem intersubjetiva – esquecimento de uns fatos e lembranças de outros – promovida por um povo, de uma forma interessada. Memória e esquecimento caminham juntos no processo de construção da identidade. Nesse sentido, reconstruções do passado revelam a sociedade que comemora, comportando discursos e contra discursos, tornando as comemorações objetos criativos de reflexão histórica (MATOS, 2000, p. 34).

Essas e outras questões se apresentam nesse momento da criação da revista *Aventuras na História* (2003). Nesse contexto de exaltação da história brasileira e dos feitos de personagens importantes, mas também de forte questionamento dessas narrativas triunfalistas, a revista aparece como espaço para a apresentação da história. Assim, as comemorações nacionais, uma forma antiga da cultura de memória sustentada na ritualização de eventos e

personagens, consistiu um dos elementos contextuais que explicam o surgimento da revista que analisamos e outras publicações semelhantes. Aqui proponho pensar de forma mais específica a constituição da própria revista e como ela se coloca nesse campo de ação e fazer histórico para o grande público que tem acesso a ela e para a qual é produzida. Lembrando que contamos com outras publicações similares no mesmo período, como: *Nossa História* (nov.2003-dez.2006), sucedida pela *Revista de História da Biblioteca Nacional* (2005-2017) e *História Viva* (desde 2003), além de serem também comuns fascículos e números especiais de revistas de divulgação científicas. Mas esse movimento de revistas de grande circulação sustentadas em empresas jornalísticas e instituições renomadas, tem precedentes que não se confundem com o momento celebrativo que marcou a criação das revistas.

Segundo Jurandir Malerba, já nas décadas de 1970 e 1980 nota-se um movimento editorial que indicava o interesse pela história. Escritores e jornalistas como Jorge Caldeira, Elio Gaspari, Ruy Castro, Fernando Morais e Zuenir Ventura produziram uma espécie de jornalismo de época, com biografias ancoradas em pesquisa documental rigorosa e com uma linguagem popular e enredos de romance. Com o sucesso de tal empreitada passaram a escrever sobre períodos históricos inteiros, como o surgimento da bossa nova, o Rio de Janeiro de D. João V ou a Ditadura Militar. Produziram livros de qualidade inquestionável e de grande tiragem. No mercado do livro, portanto, o interesse pela história já era bem consolidado, o que também explica o sucesso editorial dos livros de Eduardo Bueno no contexto da comemoração - *coleção Brasilis: A Viagem do Descobrimento* (1998); *Náufragos, Traficantes e Degredados* (1998); *Capitães do Brasil* (1999) e *A Coroa, a Cruz e a Espada* (2006) e a transformação de um deles em série televisiva, onde Bueno apresentava no Fantástico o "É muita história".

A comemoração e a existência de um público mais ou menos consolidado pelas iniciativas editoriais anteriores sustentam a explosão de demanda por história com o surgimento das revistas de divulgação. Assim, Malerba nos traz a fala de Luciano de Figueiredo, historiador e editor da *Revista de História da Biblioteca Nacional*:

História e ciências humanas têm um expressivo papel mobilizador junto aos indivíduos e grupos, uma vez que lidam com identidade, memória, participação e organização públicas, interação e confrontos, assim como condições de existência. São processos que têm uma linha direta com o debate nas universidades e centros de pesquisa e, por isso, difundir o que pensamos ali é alcançar interlocutores até então alheios, reformular conceitos cristalizados por aí, formar novos referenciais de consciência. Logo, cuidar da formação de um público. Desde aqui deve ficar claro o que chamamos de "divulgação científica" para não embaralharmos a discussão proposta por esta entrevista. Trata-se da apresentação de conhecimento acadêmico,

acompanhada por especialistas da área, sob novas formas e suportes, para um público ampliado (MALERBA, 2014 apud RIBEIRO; AMOROSO, 2010).

Pensar essas publicações me parece importante pelo fato dela ter surgido nesse momento de efervescência nas produções históricas, por ser uma revista de circulação nacional e por ter como público alvo os estudantes e interessados em geral. Público cujo conhecimento histórico precisamos qualificar.

Pimenta et al. (2014) nos apresenta um quadro geral (através de uma pesquisa quantitativa) relativa ao interesse e conhecimento histórico dos brasileiros. Em linhas gerais, tais leitores têm forte contato com a televisão, são leitores frequentes, frequentam cinemas e teatros regularmente e buscam informações sobre história em diversos meios de comunicação. Assim, podemos perceber que se trata de uma parcela relativa à classe média escolarizada. Porém, há também sua heterogeneidade. Uma vez que a TV aberta produziu material relativo a essa comemoração, o público não relacionado a essa parcela interessada por história, passou também a ser alvo desse objetivo de popularização e participação. Dessa forma todos os mais diferentes nichos de espectadores e leitores foram atingidos. Outro aspecto importante que o autor consegue comprovar com a pesquisa é a dificuldade geral (mesmo dentro do público escolarizado e com maior acesso à cultura letrada) em identificar, reconhecer e localizar eventos chaves da história brasileira numa cronologia. O que seria uma fraca capacidade de dominar instrumentos básicos da historicização.

Curiosamente, é justamente esse mecanismo básico de historicização que caracteriza as revistas de divulgação: a associação entre datas, personagens, acontecimentos e, no melhor dos casos, processos históricos mais complexos. E isso porque, se para a historiografia a cronologia não é mais que um instrumento compreensivo inicial para a apresentação de formas mais complexas do tempo histórico, ela é um elemento central de uma cultura de história popular. Em outras palavras, a demanda pública mais difusa requer, primeiramente, personagens, acontecimentos e datas localizadas numa sequência temporal. E como essa demanda seria parte da luta contra o esquecimento?

O surgimento dessa e outras publicações semelhantes no mesmo momento, relaciona-se, conforme já indiquei, aos processos próprios da cultura da memória contemporânea caracterizada pela luta contra o esquecimento como forma de compensar a aceleração do tempo, mas esse não é um fenômeno que encontre uma explicação fácil. Nesse sentido, Huyssen (2000, p. 19) questiona:

É o medo do esquecimento que dispara o desejo de lembrar ou é, talvez, o contrário? É possível que o excesso de memória nessa cultura saturada de mídia crie tal sobrecarga que o próprio sistema de memórias fique em perigo constante de implosão, disparando, portanto, o medo do esquecimento? (HUYSSSEN, 2000, p. 19).

Caberia perguntar coisas semelhantes sobre os 500 anos. Teriam sido um momento de saturação da memória nacional a compensar a amnésia inerente a certa aceleração e algum otimismo experimentado com a estabilidade monetária e outras possibilidades de mudança mais profunda? Seria uma reação típica das comemorações centenárias como resto de uma cultura de história que, embora nunca forte, existiu, todavia, no Brasil? Seria, ainda, um desmentido da ideia comum de o Brasil ser uma país sem memória? Qualquer que seja a resposta ou uma combinação dessas variáveis, experimenta-se naquele momento um crescimento de produção da história nas mídias para consumo massivo, uma mercantilização do passado, e, através desses mesmo meios e outros entendidos como mais “sérios” porque mais profundos, do debate sobre a história nacional arrefecido após os primeiros anos de redemocratização. Os limites do debate, certamente despertado pela comemoração, se dariam dentro dos parâmetros do consumo contemporâneo de história.

## 1.2 Consumir e apresentar história

Segundo os editores da revista *Aventuras na História*, em 2002, as duas capas mais vendidas da *Superinteressante* foram as de tema histórico-religioso (*Bíblia. O que é verdade e o que é lenda - em julho - e, A verdadeira história de Jesus - em dezembro*). Daí surgiu a ideia de produzir um caderno especial para a revista. *Aventuras na História* nasceu como uma edição especial. Foi distribuída entre os assinantes e, nas bancas, o caderno vendeu 30 mil exemplares, tornando-se assim, uma revista independente.

A partir da Tabela 1, podemos dimensionar o sucesso de início de *Aventuras na História*. Excetuando-se as revistas semanais noticiosas, *Veja*, *Época* e *Istoé*, ou de celebridades como *Caras*, as demais atendem a públicos especializados, compondo o universo das variedades, e vendem algo entre 120 mil e 218 mil exemplares. Vale observar que são todas revistas estabelecidas no mercado. Portanto, era realmente promissor que uma revista de história vendesse, de saída, 30 mil exemplares.

**Tabela 1** – As 10 maiores semanais.

<b>Título</b>	<b>Editora</b>	<b>Circulação média por edição Jan. a Jun./2009</b>
Veja	Abril	1 097 681
Época	Globo	417 789
Istoé	Tres	338 549
Caras	Caras	312 056
Ana Maria	Abril	218 537
Viva Mais	Abril	213 618
Contigo	Abril	147 476
Tititi	Abril	139 394
Recreio	Abril	124 076
Malu	Alto Astral	120 762
<b>Total</b>		<b>3 129 738</b>

Fonte: Instituto Verificador de Comunicação (IVC), 2016.

A linha editorial da revista deixa bem claro que seguem as aspirações e planos de Roberto Civita<sup>2</sup>, um comprometimento com o leitor e a busca pela constante atualização e modernização da revista. Victor Civita dizia que a Editora Abril é uma empresa de comunicação e lazer. Em meados dos anos 70 a editora era a maior da América Latina. Nos anos 90 a empresa resolveu investir nos ramos da internet e da televisão, mas as revistas permaneciam como carro chefe da empresa. Portanto, a revista aqui abordada se adequa ao projeto editorial da Abril e ao seu apregoado projeto “pedagógico”. Segundo Pereira (2009, p. 51), “as iniciativas da Abril Cultural tinham como objetivo, dentre outros, levar a cultura “dominante” para as casas dos “dominados” e/ou “emergentes”. Tratava-se, dentro de uma perspectiva iluminista, de divulgar e vender a cultura como um patrimônio”. A história seria mais um dos bens culturais disponibilizados pelo grupo editorial. E o sucesso desse empreendimento explica porque, em junho de 2014 a editora Caras adquiriu os direitos sobre a publicação da revista, sem nenhuma mudança significativa na linha editorial.

<sup>2</sup> Filho de Victor Civita, o fundador do Grupo Abril. Foi Presidente do conselho de Administração e diretor editorial do Grupo Abril até sua morte em 26 de Maio de 2013.

Com a compra de 10 títulos da Abril, Caras acabou se tornando a segunda maior editora o país, em termos de exemplares em circulação auditados pelos órgãos de medição de vendagem. Enquanto os títulos da Abril alcançaram uma média mensal de 4,03 milhões de exemplares, o portfólio da Caras possui a circulação de 1,71 milhão de exemplares por mês. Passando a editora Globo que nessa medição alcançou 1,49 milhão de exemplares. Esses são números de fevereiro de 2016, do Instituto Verificador de Comunicação (IVC)<sup>3</sup>.

No decorrer da trajetória da editora Abril, a estratégia de *marketing* na segmentação de mercado sempre foi intensa, nos moldes do mundo editorial europeu e americano. Com essa técnica os grandes títulos ocupam os espaços mais importantes e com isso a editora obteve bons resultados quando a vendagem e assinaturas. Aos poucos, o nascimento de títulos de nichos mais específicos diversificou e ampliou as possibilidades de alcance. Para tanto esse foi o “segredo” da Abril enquanto estratégia. Segundo Corrêa (2013), com o lançamento da *Superinteressante* em 1987, tendo por filosofia tratar de temas que não são encontrados em outras revistas e a preocupação em lidar com esses assuntos de forma mais clara possível, fez com que seu sucesso fosse cada vez maior. Outro ponto de foco estava na venda de anúncios, que com a conquista do mercado brasileiro, e com a periodicidade mensal, a possibilidade de lucro era real não só com as vendas diretas, mas com os anúncios.

O atendimento aos apelos do público e o caráter pedagógico objetivado pela editora e suas publicações são buscados em cada edição. Abaixo o editorial da edição comemorativa de dez anos de *Aventuras*. Nela, o editorial afirmava:

Chegamos ao décimo aniversário e temos muito que comemorar. Somos a primeira e a maior revista de História do país”. [...] “Para celebrarmos os primeiros dez anos, também trocamos de roupa. A revista tem agora um novo padrão visual, mais moderno e elegante, e ganhou novas seções, como Arqueologia do futuro, Retrotech, e O Que É Isto? Mas as mudanças não pararam por aí: dobramos o tamanho de História Hoje, as páginas destinadas às notícias de atualidade, com mais espaço para descobertas arqueológicas e novas pesquisas (AVENTURAS, 2013)<sup>4</sup>.

Nesse processo de investigação da revista, pensar o próprio nome: *Aventuras na História* nos mostra o sentido de sua produção. Considerando a palavra *aventura*<sup>5</sup> que tem origem no latim, vem de *res aventura*, que significa “coisas por vir” ou “coisas que acontecerão”. Enquanto *res* = *coisa* e *adventura* é derivada de *adventuras* do verbo *advenire* = alcançar e *venire* = vir. Para tanto também podemos pensar no que nos remete a palavra

<sup>3</sup> [www.meioemensagem.com.br](http://www.meioemensagem.com.br). Acesso em 08/06/2018

<sup>4</sup> *Aventuras na História*, editorial da edição de agosto de 2013 – edição comemorativa dos 10 anos.

<sup>5</sup> [www.gramatica.net.br](http://www.gramatica.net.br). Acesso em 10/06/2018.

aventura que pode ser associada a algumas questões de um passado aventuroso, sejam eles baseados em fatos reais ou de ficção e fantasia históricas, como em Indiana Jones, Robin Hood, Ivanhoe. Já a palavra história, por essa associação a aventura como futuro e o pitoresco, venturoso, se distancia e ao mesmo mantêm seu conteúdo grego de *historie* - investigação - cultivado pelos historiadores. Mantêm porque a revista estimula e se nutre da curiosidade, mas se afasta porque entrega a narrativa pronta, um passado a consumir com a roupagem do presente. *Aventuras na História* é, portanto, uma revista de curiosidades históricas desde seu título.

Dessa forma, o nome pode indicar uma expectativa em relação aos acontecimentos históricos. Uma espera por novidades, por buscas ainda não realizadas e/ou resultados desconhecidos. Esse pode ser um indicativo de seu constante esforço de aproximação com o presente e, portanto, de compromisso com os interesses, a linguagem na qual estão imersos e a experiência temporal dos leitores. Considerando o compromisso com o leitor projetado pela revista apresentamos em seguida aspectos relevantes de seu projeto editorial como o uso das imagens, as indicações de livros, filmes e outros materiais de interesse histórico, o relacionamento com o presente na seção *História Hoje*.

Não por acaso, como em outras revistas semelhantes no presente e no passado, a imagem tem um lugar de destaque na apresentação da história realizada na/atraves da revista. Do ponto de vista da imaginação histórica, uma ilustração integrada ao texto delimita e estimula a composição de uma imagem mental sobre um período. A imagem age como um fator que aguça a sensibilidade do leitor. Se em alguns momentos as imagens se justificam por seus fins comemorativos, em outros, os ilustradores buscam construir as possibilidades ali presentes. Nesse emprego das imagens, uma seção importante na revista é *Arte & História* que traz obras de arte com todos os seus detalhes, com análises e curiosidades.

Dessa forma, tanto a Figura 1 quanto a Figura 2 apresentam dois exemplos de como isso ocorre na revista.



Figura 1 – O nascimento de Vênus  
Fonte: Edição de Agosto de 2013. p. 1617.



Figura 2 – Planta da Basílica de Santa Sofia (Hagia Sofia).  
Fonte: Edição de Outubro de 2012. p. 30-31

A revista também dedica uma parte aos lançamentos de livros, filmes, séries e games. Trazem um breve comentário ou trecho, funcionando como divulgação, aguçando a curiosidade pelo produto. A arquitetura é constantemente abordada, com plantas abertas e em planos para explorar o interior de construções grandiosas (templos, castelos, palácios, torres etc.). Também há grande utilização de infográficos como podemos observar na Figura 3.



Figura 3 – Infográfico sobre a AIDS.  
Fonte: Edição 95 de junho de 2011

Nota-se que a política tem espaço garantido. Diversas matérias abordam as guerras, as táticas de governos de todo o mundo e principalmente a brasileira, em todos os períodos. Porém, o período Imperial brasileiro foi o mais contemplado no período de publicação trabalhado. O que chamo de política são os desdobramentos de eventos históricos que atingem diretamente a vida da população, a economia e a configuração geográfica planetária. Contudo, são privilegiados os eventos em lugar dos processos. São raras as passagens sobre a história recente. Talvez pela própria dificuldade de lidar com a história do tempo presente a partir de uma noção ainda comum de que a distância dos eventos produziria objetividade.

A seção *História Hoje*, que apesar de seu nome não trabalha exclusivamente com a história atual, geralmente traz matérias sobre o que a arqueologia tem conseguido descobrir sobre diversos assuntos, como os vikings, os maias, a Guerra Púnica, os parasitas nas Cruzadas e a escravidão no mundo atual. Essa seção desperta interesse justamente por sua

denominação e a intenção de mostrar como a história trabalha com suas possibilidades no mundo atual. Mostrar esse trabalho é também validar a importância do campo, reforçando ainda mais a razão de ser da revista e sua forma de abordar os assuntos. Nessas matérias, os temas abordados têm relação com a vida nos dias atuais, sejam eles: *games* do século passado que agora figuram em museus, descobertas que mudam ou acrescentam às situações conhecidas há algum tempo, relatos de comportamento humano que nos levaram à gradativa “evolução” da espécie etc. Aqui a ideia de tempo se adequa ao tempo usual, o tempo como progresso. A tentativa de aproximação se dá pela atualização de descobertas, a tentativa de presentificação do passado, com demonstrações de como tecnologia e os avanços científicos podem alterar aquilo que se conhecia por verdade (FIGURA 4).



Figura 4 – Suvenir de Auschwitz.  
Fonte: Julho de 2014, p. 10-11

A revista, que é publicada mensalmente, conta com 66 páginas (raramente varia de tamanho), a matéria de capa varia entre 8 e 10 páginas, sendo que algumas vezes traz mais de uma página após a matéria (*POSTSCRIPTUM*) com a análise de um especialista que pode ser um historiador, um sociólogo ou um filósofo dependendo do assunto e do prisma em que foi

abordado. O *Calendário* conta com duas páginas, traz eventos que incluem descobertas, nascimentos, mortes, conflitos, separados pelo dia e ano dentro do mês em que a edição se apresenta. Algumas vezes traz fotos/ilustrações. Na seção *Atualidades* de uma a duas páginas são apresentadas novidades do campo, sendo a arqueologia a grande prestigiada. *Personagens ou Perfil*, com quatro a cinco páginas, traz a história de algum personagem que pode ser desconhecido ou não. Apresenta as particularidades e foca naquilo que em geral não é divulgado. *Terra Brasilis* tem seis páginas em média e apresenta a história do Brasil com mapas e infográficos dando especial atenção para passagens não muito conhecidas como: as primeiras ferrovias, a cidade de Colônia de Sacramento que o Brasil perdeu para o Uruguai, ou que nem sempre o solo brasileiro fez jus ao termo da carta de Caminha que dizia “que em se plantando tudo dá”, a única mulher a participar da inconfidência mineira e ainda a luta velada dos políticos brasileiros contra os jesuítas.

Ainda há seções de matérias pequenas como: *Grandes Guerras*, apresentando as particularidades das guerras mundiais *Como fazíamos sem...*, revelando as soluções da humanidade para viver sem tecnologia, utensílios hoje indispensáveis, liberdades individuais, monoteísmo, imprensa, ecologia e tantas outras; *Dito e feito*, explicando os ditados populares e suas possíveis origens, *Universo Paralelo*, que elabora contra factualmente alguns processos e eventos, como seria o cristianismo sem..., como seria o Uruguai ainda sendo parte do Brasil ou a guerra civil americana com a vitória dos confederados); *Ciência*, explicando temas como genética e tecnologia, *Obra Prima*, detalhando e contextualizando algum livro importante; *Verdades Inconvenientes*, desmistificando crenças comuns sobre fatos e personagens, como a suposta invenção do telefone por Graham Bell.

Há seções que se dedicam a explorar detidamente o universo das imagens. *Arte e História* analisa famosas obras de arte e explica cada elemento presente, contando uma breve história sobre o autor e o contexto de produção, *Bandeiras e Brasões* na qual se explicam as cores, imagens e mudanças ocorridas em bandeiras nacionais de família e casas reais; *Foto História* reproduz fotografias icônicas, como a que temos na Figura 5.

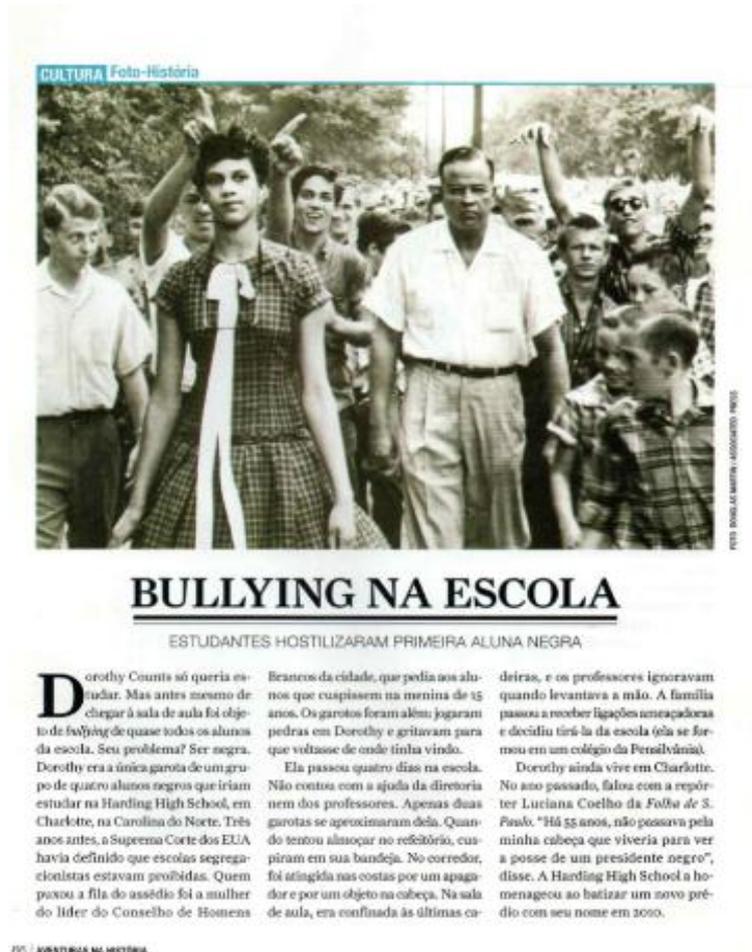


Figura 5 – *Bullying* na escola.

Fonte: Edição 124, novembro de 2013

*História Ilustrada* não trata de documentos iconográficos propriamente, mas cria infográficos de templos, palácios ou invenções como aviões. Infográficos e ilustrações também são largamente utilizados na seção *Almanaque Viagem* que conta a história de algum lugar e suas particularidades. Além dos documentos iconográficos, a seção *Fac-símile* traz documentos originais e jornais de época que trazem explicações sobre os temas mais diversos. A revista traz, finalmente, seções que tocam diretamente o universo do misterioso, da curiosidade e de uma história dos comportamentos. *História Maluca* fala de passagens inusitadas da história como artistas ficaram famosos por apagar velas com flatulências ou regurgitar querosene para acender uma fogueira. *Enigma* convoca o maravilhoso ao tratar de desaparecimentos de populações e pessoas que não foram resolvidos, histórias estranhas e sem explicações ou teorias de conspiração. *Arqueologia do futuro* enfoca tecnologias já ultrapassadas que foram importantes para algum período. Já a coluna *Histórias Íntimas* de Mary del Priori explora histórias mais relacionadas a comportamento, sobretudo sexual e as mudanças ao longo dos séculos.

As seções finais se destacam por indicações de leitura, sendo alguns títulos apresentados: *A cidade perdida* – sobre a aventura de Percy Fawcett em busca dos “astecas” do Brasil, ou *Ravensbruck* – sobre o extermínio de mulheres nos campos nazistas. E ainda D. Leopoldina – A história não contada. De Paulo Rezzuti. Ou ainda *Fidel e a Religião* de Frei Betto. Pode-se observar que os temas são variados, as editoras e os escritores são de países diversos também. As séries como *Game of Thrones*, *The Crown*, *Spartacus*, *Os Bórgias*, *Downton Abbey* e tantas outras são alguns que aparecem, games (*Civilization*, *Age of Empires*, *Assassin's Creed*) filmes (em geral são comentados demonstrando erros e acertos nas histórias filmadas com um breve histórico acerca do tema tratado como em *A guerra do Fogo*, ou em *Coração Valente*.

Com essa estrutura típica das revistas de variedades, a revista permite ao leitor escolher, como quem observa uma vitrine, qual história consumirá primeiro por assim dizer ou quando irá fazê-lo. E em meio a essa variedade de histórias para ler e ver as propagandas ocupam não só as contracapas e a última página, mas também as lacunas entre as matérias. São anúncios pagos naturalmente, de escolas particulares, cursinhos pré-vestibulares, bancos e suas ofertas a estudantes, cursos de línguas, programas educativos e ações promotoras de melhoria e discussão sobre educação e meio ambiente além faculdades particulares. Sobretudo, é claro das produções da própria editora Abril. E isso evidencia seu público alvo e qual o projeto editorial da mesma. Mas o que esse público prefere ou escolhe?

### **1.3 Público e curiosidades históricas**

Na apresentação do formato da revista já pudemos verificar quais são os interesses gerais de quem consome história na revista. Resta saber como esse interesse se distribui em temas predominantes. No levantamento do banco de dados realizado durante a pesquisa, foi possível verificar os principais assuntos tratados entre junho de 2010 e dezembro de 2017, num total de 91 publicações. Sendo que História do Brasil e Nazismo se destacam em números.

Os temas mais recorrentes são a História do Brasil (assuntos mais variados) e o Nazismo. Mas por que tais temas? Quanto a História do Brasil parece ser evidente devido ao fato de ser uma revista voltada para o público brasileiro que preserva interesse pela história nacional. Mas vai além disso, responde a uma condição própria do conhecimento histórico em relação com a produção da nação, por um lado indicando certo sucesso desse relacionamento em meio ao público leitor da revista. Por outro lado, é mais fácil produzir sobre a história

brasileira dado a disponibilidade de material. Mas e o nazismo? Talvez ele exerça um fascínio sobre os leitores não só pelo horror, mas também pela intensa divulgação e discussão do tema em diversos meios. Mas, a questão moral também se apresenta. ‘Há que se lembrar diversas e repetidas vezes para que não mais aconteça’. Isso ocorre, segundo Mata (2017) para um alívio de consciência. Para tanto, parece haver uma espécie de concordância de que grandes crimes políticos como o Holocausto podem ser perdoados, mas não esquecidos.

O Holocausto seria o melhor exemplo do passado que não passa, trazendo consigo não só o horror sofrido pelos judeus, mas também a parcela alemã do trauma? Nesse sentido, para Cezar (2012), uma série de temas tem pautado a agenda dos historiadores: direito e dever de memória, o testemunho como instrumento heurístico e o sujeito moral do discurso, os limites da representação da história, além das decorrências epistemológicas para a questão da narrativa histórica. É isso que seria a demanda por uma atenção a mais dos historiadores e por conta da premência que essas questões encontram na sociedade. Assim, segundo Huyssen (2014) os traumas históricos se encontram no primeiro plano da “política mundial da memória”. Lembrando que para o autor há uma espécie de hierarquia do sofrimento, onde aquele evento estaria no topo, subordinado às demais experiências na economia da memória contemporânea. E com isso uma espécie de reconhecimento de que o Holocausto seria um modelo universal, uma distinção básica de bem e mal. Mas também é considerado como ponto base para comparações entre traumas. E além disso há toda a profusão de representações cinematográficas, documentais e ficcionais sobre ele. Mas não estaríamos nós deixando de lado nossos próprios traumas em favor de outros, para não lidar efetivamente com a dor e todas questões que podem vir junto a isso?

Ainda segundo esses autores, a paisagem contemporânea da memória também se define por forte tensionamento das histórias nacionais e reforço de histórias nacionalistas. E nos parece que no tratamento dado à história e personagens brasileiros existe essa oscilação igualmente. Embora temas como o nazismo se destacam, o público parece demandar sobretudo, e a revista cumpre esse desejo, história brasileira. E nesse sentido, portanto, a revista parece se preocupar com o interesse dos leitores tendo em vista, como nota Ortiz (1991), não apenas (in)formá-lo, mas também vender esse produto cultural.

Além do predomínio da história nacional, na análise das matérias verificou-se que são os personagens históricos que recebem mais destaque. Sobretudo, Dom Pedro I e II. São tratados como uma espécie de celebridades atuais. Esses personagens seriam a personificação daquilo que seria o melhor para o país, e que em algum momento deixamos perder? A monarquia com seu “glamour” traria a nostalgia? Mas, nesse sentido, é possível concluir que

quanto ao Brasil, persiste a história episódica, inclinada aos personagens e acontecimentos de destaque – algo que Malerba e João Paulo Pimenta já notaram em seus trabalhos. Principalmente aqueles momentos que sempre aparecem para caracterizar a história brasileira, como o “Descobrimento”, a Abolição, a Proclamação da República e tantos outros - aspecto que desenvolvemos no capítulo seguinte.

De todo modo, seja no tratamento da história brasileira ou outra, permanece a adequação ao universo das curiosidades ou variedades que determinam o perfil da revista. Muitos desses temas aparecem em momentos comemorativos, evidenciando como o projeto editorial de *Aventuras na História* se adequa à cultura da memória contemporânea, uma vez que as grandes comemorações, nacionais ou não, ainda regem os ciclos midiáticos e o calendário da vida pública, impondo um ritmo e um prazo à informação histórica oferecida ao grande público. Tal vínculo com o ritmo próprio das comemorações nas publicações voltadas à divulgação histórica evidencia a conciliação entre memória, pedagogia nacional, ideologias políticas e os interesses próprios ao mercado de bens simbólicos. A Figura 6 evidencia esse aspecto.



Figura 6 – A diversidade de Jesus.  
Fonte: Edição de dezembro 2011-2012

As duas capas apresentadas na Figura 6 são relativas ao mês de Dezembro: a primeira de 2011 onde há a afirmação de que houve mais de um dele. Teoria muito discutida, já que segundo algumas pesquisas, não há provas da existência de Jesus como ainda é retratado nos dias de hoje. E a segunda de 2012 que aborda as teorias, as lendas e os 26 anos em que sua vida não é retratada na Bíblia. Por se tratar da capa de dezembro, Jesus se torna um personagem icônico não só para as discussões religiosas, mas também para o mês em que se comemora seu nascimento e também uma das maiores, senão a maior data comemorativa do “mundo cristão” para as famílias.

Em outra capa de Dezembro (2015), conforme a Figura 7, Jesus retorna como personagem, a manutenção do mês demonstra como as comemorações do Natal influenciam os questionamentos relativos à religião e crença naquele que seria o homem mais famoso do mundo.

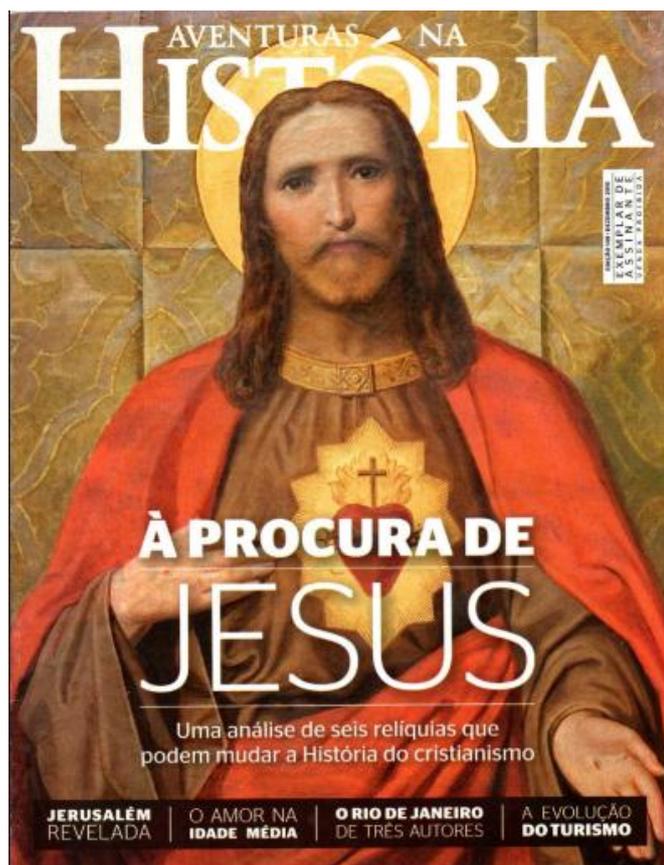


Figura 7 – Jesus.  
Fonte: Edição de dezembro 2015

Aqui a dedicação do tema relacionado à Jesus é sobre as relíquias que segundo a subtítulo da capa podem mudar a história do cristianismo. A matéria interna, com texto de Tiago Cordeiro, traz reproduções de telas, iluminuras e textos com referências aos vestígios

deixados por Jesus em sua breve existência e enfatiza os locais de visitação e onde é possível ter acesso à essas relíquias (santo sudário, ossos de João Batista, evangelhos, urna de São Tiago, Cruz sagrada e o evangelho “perdido” da esposa de Jesus – Maria Madalena).

As duas capas apresentadas na Figura 8, foram selecionadas para a análise devido a linguagem utilizada em relação aos personagens. De um lado Calígula - junho 2011 - é mostrado por sua imagem de cunho popular, o personagem louco e sádico que realizava festas mundanas e que atentou contra a vida da própria mãe. Do outro lado temos Cleópatra - Abril 2011 - uma mulher importante para seu tempo, estrategista, sedutora, governante. Mas que é qualificada por um termo totalmente anacrônico: *workaholic*.



Figura 8 – Calígula e Cleópatra.  
Fonte: Edição de abril e junho de 2011

As matérias internas tratam das passagens importantes da vida desses personagens. Há sobretudo destaque nos feitos de Cleópatra como governante, como seus planos eram elaborados e inteligentes, como ela enfrentou os problemas de seu tempo e sua morte ainda sem muita explicação e cercada de mitos. E claro, atenta para a histórica ação sedutora e irresistível da mulher poderosa. Assim a matéria nos diz: “diferentemente do que se imagina, a rainha do Egito estava longe de ser uma devassa. Júlio César foi provavelmente seu

primeiro homem, e Antônio, o segundo (e último). Não há registros confiáveis de outros envolvimento”. (pg.30). E segue: “Cleópatra foi careca em certos momentos (possivelmente durante as epidemias de piolho). Adepta das tradições locais, nessas ocasiões usava as perucas com as quais sempre foi retratada, embora um modelo com coque fosse mais provável”. (pg.32). Mas também se preocupou em desmistificar estereótipos como: Cleópatra provavelmente não era tão bela quanto o senso comum imagina, foi a última faraó do Egito e sua relação com Marco Antônio foi pensada.

Já Calígula é mostrado como um governante preocupado com os próprios desejos e como suas ações eram demasiado criticadas e causavam espanto. Mas a matéria traz a ideia de que Calígula não foi tão diferente de seus predecessores. A diferença primordial é que os escritores de sua época não eram seus aliados por se prejudicarem com alguma de suas ações políticas. Contudo foi um governante de importantes feitos com preocupações relativas ao abastecimento, logística, expansão e estratégia. Suas relações familiares eram diferentes que o de costume. O amor dedicado às irmãs era visto de forma indevida e acabou por criar a ideia de incesto, mas não há nada que comprove tal situação. O texto da matéria diz: “A revisão desses textos, confrontados com investigações arqueológicas e o estudo de moedas do período, está longe de reproduzir um maluco desvairado” (p. 28). Fábio Favarsani, um dos colaboradores para a pesquisa do texto, diz que a relação de incesto foi uma criação posterior da historiografia. Apesar da relação íntima com as irmãs, nada garante que havia orgias entre os membros da família. O filme de 1979 - *Calígula*, dirigido por Tinto Brass, ajudou na criação desses mitos em torno do personagem.

Importante notar aqui certa complexidade na apresentação da história nos dois casos que pode ser interpretada de muitas maneiras pelos leitores. As matérias desmistificam visões comuns sobre as personagens, fornecendo evidências e falas autorizadas para isso. Dizem ainda que essas visões resultaram das narrativas posteriores e da intencionalidade a elas inerente. Ora, o leitor pode concluir que a história à maneira dos historiadores é resultado de interpretações balizadas pela crítica das fontes, mas também pode passar desavisado por isso e concluir que tudo não passa de invenção.

Outra capa que merece atenção é a de Agosto de 2013 (FIGURA 9). Nela listam dez pessoas que mudaram o mundo com suas ações, teorias, governos e ideologias. Temos Albert Einstein, Jesus, Adolf Hitler, Karl Marx, Vladimir Lenin, Mao Tsé-Tung, Josef Stalin, Sigmund Freud, Abraham Lincoln e Charles Darwin. A revista abriu uma votação popular com nomes indicados por historiadores, escritores e jornalistas com destaque na mídia e na produção brasileira: Pedro P. Funari, Leandro Narloch, Laurentino Gomes, João Pereira

Coutinho, Marco Antonio Villa, Kenneth Maxwell são alguns dos consultados. Aqui podemos notar como o discurso de autoridade, seja a que resulta de uma posição institucional (Funari e Maxwell) ou aquela decorrente do posicionamento de sucesso no mercado editorial de história (Narloch e Gomes), sinaliza o peso dos votos. Esses são autores e professores de cargos importantes e renome dentro da lógica de mercado. Na eleição online as maiores votações foram: Jesus Cristo, Albert Einstein e Adolf Hitler. Podemos compreender com isso que os temas influentes são: religião, ciência e política. E todos os personagens citados têm em vida uma ação que de fato influenciou a vida da humanidade.



Figura 9 – 10 maiores nomes da história da humanidade.  
Fonte: Edição de agosto de 2013

A do mês de janeiro de 2011 se mostra bem interessante (FIGURA 10). Com a iminência do fim do mundo em 2012 (segundo o calendário Maia) o tema se tornou assunto obrigatório em programas de TV, na internet e em toda espécie de revista de variedades, bem como em uma grande produção cinematográfica do gênero cinema catástrofe. O interesse pelo tema produziu inúmeras matérias para explicar a origem da profecia e a possibilidade de uma hecatombe. Nesta edição, traz também outras profecias que não se concretizaram e algumas que tiveram indícios de concretude. Mais tarde, já em 2012 no mês de Novembro (FIGURA 10), a capa tratava diretamente da profecia, com a imagem da pedra calendário e toda a

possível explicação da crença na história cíclica dos Maias. Assim explicavam que não se tratava do fim do mundo, mas de uma ideia de ciclos que chegavam ao fim em 2012.



Figura 10 – O fim do mundo.

Fonte: Edição de janeiro 2011 e novembro de 2012

Outra capa importante é a de fevereiro de 2014 (FIGURA 11) que, se não for a única menção à ditadura brasileira, é a única capa dedicada a algum dos ângulos dessa questão. Nota-se que o influxo comemorativo sobre temas relevantes na revista é evidenciado por essa edição onde o viés escolhido para marcar a data dos 50 anos do início da ditadura no Brasil é tomado através da religião e não da política ou da denúncia de eventos traumáticos.

A matéria interna traz o apoio da igreja aos militares e a posterior virada nesse apoio. Segundo Igor Natusch, autor do texto, com medo do comunismo ateu a igreja se aliou aos militares. A marcha da Família com Deus pela liberdade marcou esse apoio. Assim, o suporte ideológico e popular estava instaurado para a execução do golpe com sucesso. Contudo, com o avanço da violência e os desaparecimentos, diversos setores da igreja passaram a contestar o movimento militar e passou a dar suporte para famílias que buscavam fugir da perseguição. Com a mudança de liderança na Igreja, frei Betto comandou a arquidiocese de São Paulo e aumentou ainda mais o fosso entre as instituições. Nesse período passou-se a promover denúncias nas missas e por meio de cartas. A CNBB buscou criar campanhas para a promoção da vida, da liberdade e da justiça. E por fim apoiou a luta pela anistia e as eleições diretas.



Figura 11 – Igreja e ditadura.  
Fonte: Edição de fevereiro de 2014

A descrição dessas capas, apontam para a grande visibilidade dos investimentos sociais nas tarefas de memória em nossas sociedades. Segundo Guimarães (2007), podemos observar esse movimento não só nas iniciativas de patrimonialização e musealização, mas também nos meios de comunicação de massa.

A sedução da memória vai além da busca pelo não esquecimento e da constante rememoração. Huyssen (2000) nos diz que a mercantilização do passado operada pela indústria cultural e intensificada pela proliferação das novas mídias não seria o único fator a explicar o desejo crescente por passado. Para ele algo mais está em jogo na produção desse desejo, o que faz com que o público responda tão rapidamente e favoravelmente ao mercado de memórias. Assim, essa resposta tão rápida seria resultado de uma transformação da temporalidade na vida atual, possibilitada pelos avanços tecnológicos, pelos novos padrões de consumo e a grande mobilidade global. Na progressiva invasão do horizonte por um presente inchado, com exigências cada vez maiores de uma sociedade de consumo, a mídia, que

acompanhou esse movimento produzindo, consumindo e reciclando imagens e palavras, comprime o tempo, fazendo em um minuto e meio ou em poucas páginas muitos anos de história (ASSMANN, 2011; HARTOG. 2013).

Em tempos de aceleração, de informações em excesso e da internet com um apelo irrecusável, a publicação física tem de se adequar. As imagens que complementam e também “falam” são as senhas para a representação e entendimento desse leitor, e esse é o caminho traçado por *Aventuras na História*. Mas as imagens têm uma história anterior ao *on-line*. Muitos elementos do que hoje chama-se de hipertexto e o privilégio da imagem começaram com a imprensa ilustrada. Nesse sentido a revista responde/decorre a esse passado.

O desejo por consumo de variedades também pode ser pensado nesse sentido para a revista. Se assim não fosse, o foco não seria transformar a vida de personagens históricos numa coluna de “fococas” ou utilizar-se de *best sellers* e romances históricos.

O trabalho realizado pela editora Abril se coloca como uma tentativa de aproximar a história do grande público e de seus interesses. Trago alguns exemplos do texto nas publicações:

Ele se tornou um pacifista, porém nunca foi um pacato. Ao sair da prisão, em fevereiro de 1990, Mandela sorria e acenava, mas tinha acabado de gritar e discutir com a esposa, Winnie, que atrasou a apresentação em duas horas porque estava no cabeleireiro (a demora gerou suspeitas de que ele não seria solto e provocou um quebra-quebra em Joanesburgo) (Edição 83, jun. 2010, p. 28).

Ou ainda, quando traz o lado “mau” de Gandhi:

Era racista: em sua juventude como advogado na África do Sul, ele defendeu o direito dos indianos...o de estarem acima dos negros. Forçava mulheres jovens – inclusive uma sobrinha sua – a dormir nuas com ele para ‘testar’ sua castidade. Recusou o tratamento de penicilina para sua esposa Kasturba, porque queria evitar a medicina ‘imperialista’. Quando ficou doente logo depois, usou desses remédios. Sugeriu aos judeus uma solução para as atrocidades nazistas: o suicídio coletivo como protesto (Edição 167, abr. 2017, p. 17).

E o lado “correto” de Khan:

Um exemplo de tolerância: aceitou todo tipo de fé entre seus súditos e alguns de seus filhos até mesmo se casaram com cristãs. Em seu exército, as pessoas eram promovidas por mérito. Ter ancestrais nobres não tornava ninguém um general. Em seu caminho de conquistas, reabriu a rota da seda, o caminho entre o Leste Asiático e a Europa. Fez a paz: ao conquistar povos inimigos entre si, trouxe uma paz inédita a esses territórios, iniciando o período conhecido com *Pax Mongolica*. Era diplomático: dava a opção para um lugar simplesmente pagar tributo. Quem aceitava era deixado em paz. Também honrava suas alianças (Edição 167, abr. 2017, p. 17).

Talvez a construção de nomes dentro da história mundial reforce essa ideia de distância, como se alguns desses não fossem pessoas “normais”. Outra hipótese é de que a curiosidade vende, e, nada melhor do que unir essa motivação com aprendizado. Refiro-me a aprendizado, pois não há como dizer que não ensina (por mais que não se concorde com a forma de produção da mesma). E ainda que, a afirmação de que se aprende com a história cause discussões, Huyssen (2000) nos diz:

[...] por mais dúbia que hoje pareça a afirmação de que somos capazes de aprender com a história, a cultura da memória preenche uma função importante nas transformações atuais da experiência temporal, no rastro do impacto da nova mídia na percepção e na sensibilidade humanas (HUYSSSEN, 2000, p. 25-26).

O tipo de aprendizado possível com essas mídias é específico: como objetos estéticos. As matérias questionam, atingem esse sujeito que lê e pode produzir. Esse movimento pode levar a sedução com o objeto que leva então o sujeito a seguir na pesquisa. E essas formas mercantilizadas de apresentação do passado são própria da indústria cultural.

Mas se a imediatividade de nossa sociedade se impõe, podemos dizer a partir de Hartog (2013), que cada vez mais o fardo do historiador é buscar o contemporâneo, o que não significa ceder à lógica do momento ou correr atrás da atualidade. Mas aqui são os jornalistas que se debruçam sobre a história tornando-a notícia. Por fim, o que cabe aqui mencionar é que com métodos diferentes esses profissionais buscam na história, momentos, situações e ações que merecem destaque e que de alguma forma sejam instigantes para os leitores da revista. O objetivo é que de alguma forma a história seja fonte de entretenimento e ensine (ou não) algo relevante. Não mais a “mestra” que rege as escolhas e as decisões, mas que acrescente informação e seja interessante.

Duas capas especiais foram publicadas no período em questão – fora dos números oficiais – sendo enviadas apenas aos assinantes. A primeira trata dos negros nos jogos olímpicos – agosto de 2016 – fazendo uma trajetória do preconceito e da demonstração de força e competitividade dos atletas mesmo com tantos desafios. A outra capa trata de Fidel Castro - janeiro de 2017- e possui em sua ilustração um selo de “Edição Histórica”.

A primeira trata diretamente dos jogos olímpicos da era moderna (FIGURA 12), resultados, histórias de superação, curiosidades, e de forma mais acentuada a luta dos negros por espaço e reconhecimento. A supremacia dos negros em algumas modalidades só passou a

ser possível com o fim da restrição da participação nos jogos. Durante o período de governo de Hitler foi ainda mais tenso, já que uma das principais defesas de seu governo era a supremacia branca, que no esporte foi rapidamente desmentida. A questão das mulheres também é abordada e como foi difícil obter espaço num segmento dominado pelo masculino.



Figura 12 – O Negro nas olimpíadas.  
 Fonte: Edição de agosto de 2016

A segunda revista trata diretamente da vida de Fidel Castro e seu legado (FIGURA 13), encerrando a edição com a morte. Seu posicionamento político não é novidade para ninguém. Nem sua crise sempre existente para com os Estados Unidos. Mas talvez alguns detalhes abordados não sejam de conhecimento público. O comunismo nem sempre foi presente, passou por diversos atentados contra sua vida, em 1960 na assembleia das Nações

Unidas discursou por quatro horas. Essas são algumas passagens que a revista traz à tona em sua publicação exclusiva. Já doente, Fidel se retirou na cena pública em 2006, nomeando seu irmão para o cargo de presidente e acabou morrendo em novembro de 2016.

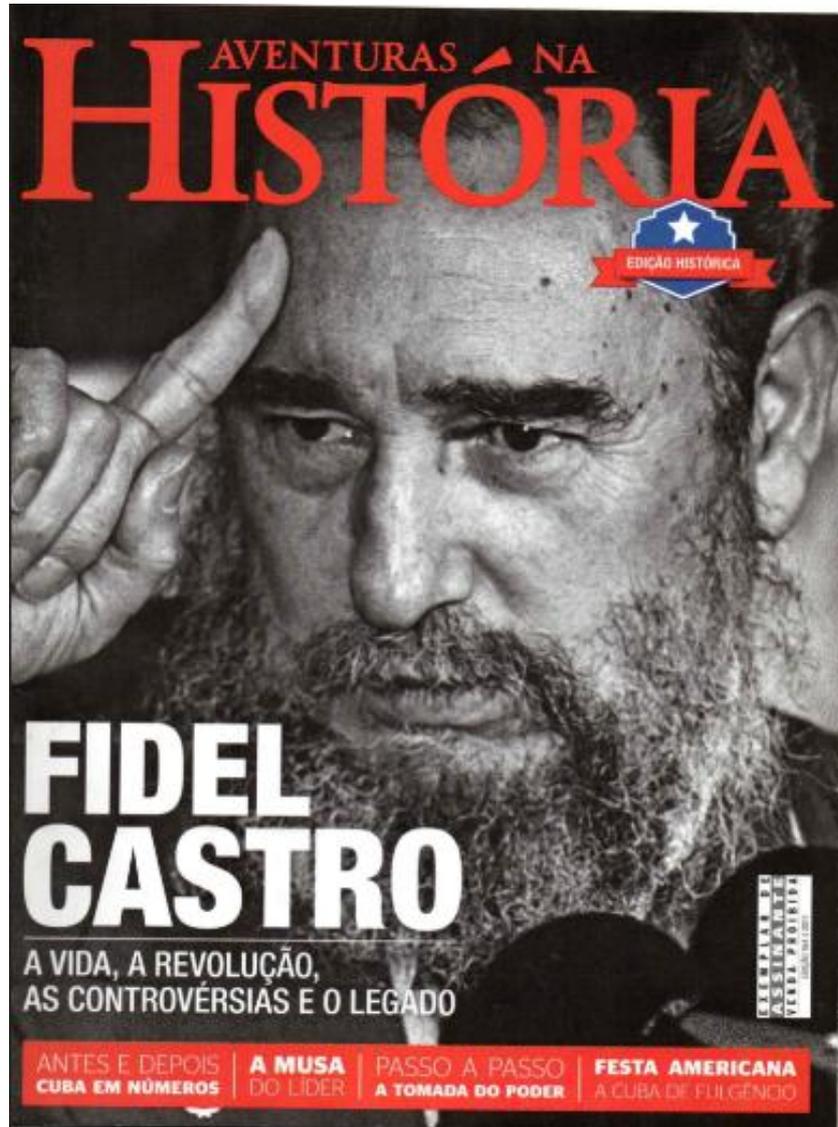


Figura 13 – Fidel Castro.  
Fonte: Edição de janeiro de 2017

## **CAPÍTULO 2: IMAGINAR O PASSADO EM AVENTURAS NA HISTÓRIA.**

Neste capítulo analiso os temas abordados em *Aventuras na História* de meados de 2010 e 2017. Na primeira parte, descrevemos os principais temas através da análise das capas da revista. Na segunda, nos dedicamos ao tratamento das matérias de capa dedicadas à história brasileira. A pesquisa pretende mostrar também que muitos temas relevantes foram deixados de lado, fazendo com que a revista se dedique quase exclusivamente aos mesmos temas corriqueiros de revistas especializadas para estudantes e interessados diversos.

### **2.1 O enquadramento do passado em *Aventuras na História*.**

Em uma divisão de temas é possível verificar que descobertas científicas, guerras, passagens pitorescas da história do Brasil, arqueologia e “mistérios” da história mundial ocupam as capas e as matérias principais da revista. Temas relevantes e importantes, tanto do ponto de vista dos ciclos comemorativos quanto do apelo midiático que ganharam, são ignorados como matéria principal. Por exemplo, a revista não tematizou: os 30 anos do fim da ditadura no Brasil (apesar de ter feito uma capa sobre a ditadura e a igreja em 2014); as olimpíadas ou a copa de futebol no Brasil; a guerra civil na Síria; os 10 anos dos atentados de 11 de setembro; as mortes de Saddam e Bin Laden; a sucessão dos papas; a crise dos refugiados na Europa; a chamada Primavera Árabe ou a emergência do Estado Islâmico; o rompimento da barragem da Samarco em Mariana e outros desastres ecológicos.

Consideramos que o não dito ou o que é silenciado também é relevante para pensar a construção de sentido histórico numa revista que podemos situar no universo das variedades. Entre o dizer e o silenciar desenvolvem-se significados constituídos pelo jogo de imagens que remetem a outros dizeres - em outras revistas, outras mídias etc. -, que podem revelar as posições políticas e ideológicas da publicação.

Tomando como base essas capas veiculadas, os posicionamentos político-ideológicos não são claros, mas “mascaradas” pela construção textual. Na verdade, numa revista como essa o posicionamento não pode ser claro e totalmente expresso, logo, não se pode dizer tudo e qualquer coisa. Há uma sugestão, uma insinuação. A interpretação ficaria a cargo do leitor que fará as ligações e determinará para si seus significados com base em sua memória histórica e experiência social. Nesse sentido é possível perceber que temas mais complexos e passíveis de discussões acaloradas não fizeram parte da construção da revista, relegados a breves passagens, parecendo apenas nas indicações de livros, exposições e filmes.

Neste item do capítulo, como já dissemos, nos concentraremos na análise das capas, especialmente no que as imagens criadas dizem. Portanto, pensaremos um pouco sobre a mídia e a imagem em *Aventuras na História*. O formato ali apresentado mescla informação e entretenimento, utilizando a imagem como prova. Segundo Sábada (2007), esses efeitos de mediação são resultados de um processo dinâmico de recepção. E, claro, dependem de componentes como interesse e capital cultural e/ou predisposições individuais e de grupo, além de padrões de comportamento. E é nesses aspectos que a editora investe para vender cada vez mais exemplares. Propagandas, *layout*, ilustrações e formato da revista contribuem para despertar a atenção do público alvo.

Para Scalzo (2004), as revistas cobrem funções que vão desde as mais complexas às de simples transmissão. Elas entretêm, analisam, provocam reflexões e experiências de leitura. Mas o que seria essa recorrência temática para uma revista? O tema pode ser visto como um elemento de operação de sentidos, que atua sobre o fazer e sobre a materialidade. Nas revistas em que o perfil editorial é atrelado ao público específico, mapeado por pesquisas de mercado e índices de relacionamento entre publicações e consumidores, o tema reflete lógicas de mercado, aliado a questões sociais e culturais que apontam para alguns tópicos que perpassam a sociedade. Isso evidencia ainda mais a estrutura e a lógica de comportamento e de consumo quando analisamos as propagandas presentes na revista. Os serviços oferecidos nas propagandas dão conta daquilo que o público necessita ou deveria necessitar.

Na lógica editorial presente nesse tipo de impresso, o tema está envolvido em processos de configuração discursiva de um público especial, definindo a segmentação no universo dos impressos de grande circulação. Nesse sentido, precisamos atentar para o enquadramento jornalístico que leva em conta três elementos: o regime de tempo, o discurso e os dizeres. O regime de tempo funciona de forma diferente em cada edição, são formas diferentes que dependem da profundidade temporal de cada tema. Primeiramente, são utilizadas generalizações que sirvam de gancho para as matérias. Mas chama atenção o fato de que quanto mais distante temporalmente é o tema trabalhado, mais anacronismos são empregados em tentativas de aproximação com o leitor; quando há temas mais recentes, anacronismos, analogias e outros procedimentos aproximativos não são tão frequentes. O discurso, leva em conta as questões sociais da vida contemporânea, tentando realizar conexões entre o passado e o presente. Os recortes temáticos vão ao encontro dos elementos da vida cotidiana. Já os dizeres são pensados na relação de intimidade que a revista estabelece com seu público leitor. A produção de sentido se dá no limite da relação com o leitor. Assim, o enquadramento pode ser pensado como a forma de ver o mundo através de escolhas para a

formação do texto. Práticas jornalísticas para a redação levam em conta pressões sociais e de grupos de interesse, orientações políticas e ideológicas e não deixam de ser um instrumento de poder. O enquadramento seria então a forma com que se escolhe mostrar os temas. Esse enquadramento pode ser noticioso ou interpretativo. E nisso entra o que se chama agendamento, que seria a inclusão de assuntos para a pauta de “discussão” na mídia em geral. Assim, o mercado de revistas explora o entretenimento, a diversão, a fusão de educação e informação. Dessa forma a relação de intimidade criada vai além de escolher, assinar, ler, indicar e transformar a publicação em parte da vida de cada um dos consumidores, ela busca suprir a vontade de cada um em ler aquilo que lhe interessa.

Na teoria da tematização de Souza (2002), analisa-se essa questão como uma seleção de contingência – e não para muitos interesses interligados – mas, para pequenos grupos sociais. O ponto a ser pensado aqui é a preocupação política implícita nessas escolhas. Dessa forma não é uma tentativa de agendar o pensamento, mas de ofertar o sentido sobre questões, participando diretamente do circuito onde o público é o agente produtor de significados. Dessa forma os sentidos publicados pela mídia, mesmo escapando do controle, reforçam a capacidade de certos temas operarem em modo de grande circulação, interferindo diretamente na relação mídia e sociedade. Para tanto, Schwaab e Tavares (2009, p. 183) defendem que “captar e entender os temas é, nesse sentido, entender os homens que os encarnam e a realidade a eles referida”. Os temas abordados pela revista reforçam essa ideia na medida em que toca em assuntos já muitas vezes debatidos, mas não resolvidos. Apresentam possibilidades e tentativas de discussão. Possibilitam o conhecimento e a reflexão.

Tematizar é o centro do trabalho de edição, isto é, de organização dos elementos de forma a transmitir ao leitor a mensagem clara acerca de conteúdo, forma e temas. Há, portanto, uma ordenação dos elementos para compor a relação entre texto e imagem, título e subtítulo.

Na formação desses elementos compartilhados e dos temas escolhidos para uma revista a relação com o leitor se dá pela via em que esse consumidor deposita confiança e compromisso nessa produção. Ou seja, acredita-se na veracidade de tais fatos relatados. Não são apenas rotinas produtivas e de consumo alheios aos anseios dos leitores. Produzem-se, assim, conjuntos de sentido em uma leitura do real com afetações dos discursos por outros discursos.

Esse é também o caso de uma revista como *Aventuras na História* quando consideramos o enquadramento de seus temas e a forma como são apresentados. Se, por um lado, há uma relação constante entre os ciclos comemorativos que configuram uma cultura

histórica, também há a relação com outros meios de produção massiva do passado - o cinema, a televisão etc. - como já notamos no capítulo anterior e ficará mais claro na análise das capas e das matérias dedicadas a história do Brasil. Mas além disso é possível perceber na revista o diálogo, por exemplo, com a cultura das celebridades que as mídias, e as revistas de variedades especialmente, produzem ou com o jornalismo noticioso da grande imprensa e sua concentração nos acontecimentos cotidianos, sobretudo políticos.

## **2.2 Imagem e tematização do passado em Aventuras na História.**

Antes de seguir para a análise das imagens da história nas capas da revista, é importante retomar as considerações de Pimenta et al. (2014) e Gontijo (2014) sobre a cultura de história do brasileiro médio, pois ela informa a maneira como podem compreender e ler a revista. Em seu texto de investigação acerca da representação da Independência do Brasil para os brasileiros João Paulo Pimenta nos apresenta algumas reflexões importantes na medida em que traz discussões sobre cultura de história e senso comum e o imaginário social. Inicia-se a exposição de dados e argumentos pelo entendimento de que a história não é monopólio dos historiadores ou da academia. A produção histórica se dá por diversos produtores que não só especialistas e dessa forma provoca conflitos e contradições.

Nesse sentido podemos pensar como o brasileiro médio se relaciona com a sua história, a história do seu país. Em um aspecto geral o autor nos diz que a investigação se sustenta conceitualmente na noção de cultura histórica, aqui entendida como

um conjunto de atitudes e valores que se expressam em noções, concepções, representações, conceptualizações, interdições e outras posturas, de uma determinada sociedade em relação a um passado que pode ser considerado como coletivo. Uma cultura histórica, portanto, não se confunde com consciência histórica, antes, engloba-a e a expande (PIMENTA et al., 2014, p. 6).

Assim, para o autor a cultura de história engloba também os silenciamentos, as recusas em relação ao passado sendo conscientes ou não e que podem definir vontades individuais ou coletivas. Partindo desse ponto, portanto, pode-se questionar o estereótipo do brasileiro que se caracteriza pela não observância, falta de interesse e desconhecimento sobre a história do Brasil. com variações consideráveis entre o desinteresse e as representações distorcidas, as pessoas sabem ou se interessam por algo da história nacional, mesmo que de forma difusa. Lembre-se que não há cidade no Brasil que não tenha seus lugares de memória ligados a nossa própria história. Não há processo de escolarização que ignore a história, temos feriados

de evocação midiática, séries de TV, novelas e filmes etc. - o que não deixa com que certos eventos passem despercebidos, como é o caso das imagens da Independência partilhadas pelo público no estudo de João Paulo Pimenta. O autor nos diz que a cultura de história não se esgota aí, mas se confunde com esse marco histórico bem como outros eventos relevantes para a formação da identidade nacional.

Em sua apreciação crítica ao estudo de Pimenta et al. (2014), Gontijo (2014, p. 200) nos lembra que a noção de cultura de história adotada pelo autor está diretamente ligada à definição proposta por Jacques Le Goff, que acrescenta: “a relação que uma sociedade, na sua psicologia coletiva, mantém com o passado”. Trata-se, segundo a leitura de Le Goff, de investigar a atitude dominante nas sociedades perante seu passado através da abordagem dos “sentimentos da opinião pública”, levando em conta que na mentalidade coletiva, o passado se confunde com a história. Quais seriam os “sentimentos” do público sobre história? Como esses sentimentos são construídos, isto é, quais os meios de memória criam as imagens dominantes do passado?

Com a pesquisa aqui apresentada pelo autor, o perfil dos entrevistados se revela como pessoas com forte contato com os meios audiovisuais: possuem TV a cabo e internet. São também leitores frequentes e vão ao cinema e ao teatro. Um perfil mais escolarizado, interessados por história e buscam informações a respeito. Contudo, apresentou-se diversas vezes o desinteresse, o que não deixa de ser válido e importante para a análise. Através das respostas também foi possível verificar que a história do Brasil goza de um certo desprestígio quando perguntados sobre qual história se interessam, contando 34% para história do Brasil e 66% para aquelas que excluem o Brasil. Para além disso, a pesquisa evidencia um desconhecimento a respeito da História do Brasil, quando perguntados sobre datas e nomes, os entrevistados não conseguem apresentar respostas exatas.

Outro ponto interessante e que apresenta possibilidades de relação com a *Aventuras na História*, se deve ao destaque aos personagens históricos. Alguns nomes sempre aparecem como temas de interesse e ocupantes de um certo imaginário. Sobretudo aqueles cuja vida foi ligada de alguma forma a escândalos, tabus ou passagens anedóticas. Aspectos que muitas vezes são reforçados por produções televisivas e cinematográficas, mas também por livros didáticos, o que nos leva a pensar a imagem e seu papel central na cultura de massa que também organiza a percepção da história. Nessa cultura de imagens da história, o livro didático talvez seja o elemento mais comum.

Gontijo (2014) nos lembra que as imagens dos livros didático o que algumas vezes funcionam como quebra da continuidade do texto, com páginas super coloridas e com

diversas imagens. Diversas vezes, apesar de analisadas como fontes históricas, são confinadas a mera ilustração e frequentemente modificadas em cores e tamanho ou até mesmo cortadas. Isso também acontece com a revista. Na busca pela inovação e uma bela diagramação, as imagens são alteradas e utilizadas de formas diversas, como na adaptação para uma história em quadrinhos como na edição de dezembro de 2010, onde a operação *Thunderbolt* foi adaptada nos moldes de Hqs. Assim, o livro didático e certamente um material privilegiado: 1) são consumidos por educadores e educandos e podem chegar às famílias e tantos outros públicos; 2) e o segundo suporte de leitura mais lido no Brasil e o mais lucrativo – por ser comprado pelo Estado – afirma Gontijo (2014).

Considerando a centralidade do livro didático para a cultura de história e a centralidade das imagens nesse suporte de leitura, devemos considerar rapidamente as condições das formas de ver que se criam e ordenam a apreciação de imagens históricas ou da história. Para Abreu (2016), além do livro e demais impressos, o universo digital amplia ainda mais as variações possíveis da forma de ver. Com a reprodutibilidade das imagens históricas e da história em bancos de dados, museus, enciclopédias e sites atravessando uma rede de dispositivos pessoais revela-se que há um gosto dos usuários por imagens passadas. Nesse sentido a intenção do uso pedagógico da imagem nos lembra que além de reificar o tempo de representação elas são conduzidas para o celebrar. Quando apresentadas, as imagens acompanham pontos de êxtase do texto, ou em narrativas consagradas, surgindo como janelas para tais eventos narrados, como se tal movimento fosse possível. Marcelo Abreu questiona se a repetição das imagens em livros didáticos ou revistas especializadas, quando tratam dos assuntos consagrados e temas importantes da história do Brasil não seriam ilustradas pelos textos e não o contrário. Tamaña relevância e tamanho sentido ali configurado em uma imagem:

Assim, pode-se falar de uma eficácia ainda maior garantida pela combinação de dois meios constitutivos da cultura histórica: a escrita e a imagem. Nesses termos, não seria possível, dado o sentido explicitamente memorial da narrativa, dizer quem ilustra quem, isto é, se as obras reproduzidas ilustram o texto ou se o texto é que ilustra as obras. Além disso, especialmente no caso da literatura didática em que a pintura histórica é fartamente empregada, ao menos na primeira metade do século XX, a leitura ritualizada dos textos didáticos reforçava ainda mais as possibilidades que certas imagens do passado nacional fossem incorporadas ao repertório visual dos leitores/estudantes (ABREU, 2016, p. 272).

Ora, no caso da revista, se não a leitura ritualizada, alguma forma de ritual de leitura nos momentos de lazer levaria também a essa incorporação das imagens produzidas

publicação a esse repertório de visualização da história. Como essa história se distribui e se apresenta ao olhar dos leitores da revista?

O Quadro 1 possui os dados do levantamento realizado para a pesquisa nos anos de meados de 2010 a 2017. Trazem os temas de capa, assim distribuídos:

QUADRO 1 – Temas das Capas (2010-2017)

TEMAS	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Totais
<b>Personagens</b>	01	05	03	08	05	05	09	06	42
<b>Guerras</b>	01	02	03	01	02	03	01	03	16
<b>Crenças/Religiões</b>	02	01	03	01	02	01	01	01	12
<b>História do Brasil</b>	02	01	02	02	02	01	01	-	11
<b>Outros:</b>	0	3	1	0	1	2	0	3	10
<b>Totais</b>	6*	9	11	12	11	10	12	9	91

Fonte: Elaboração própria de acordo com arquivo pessoal da autora.

\*A coleção consultada era incompleta para 2010

Os personagens são os mais abordados como tema de capa em todos os anos a partir de 2011. Em seguida as Guerras e temas da História do Brasil. Isso se explica pois, segundo Gontijo (2014) os livros didáticos, apesar de estarem alinhados com a historiografia, ainda prezam majoritariamente por personagens e por passagens anedóticas o que indica, ou pode indicar uma concessão dos autores ao mercado e ao gosto do leitor. A partir disso apresento algumas capas que dentro desse universo de temas e personagens se destacam de alguma forma.

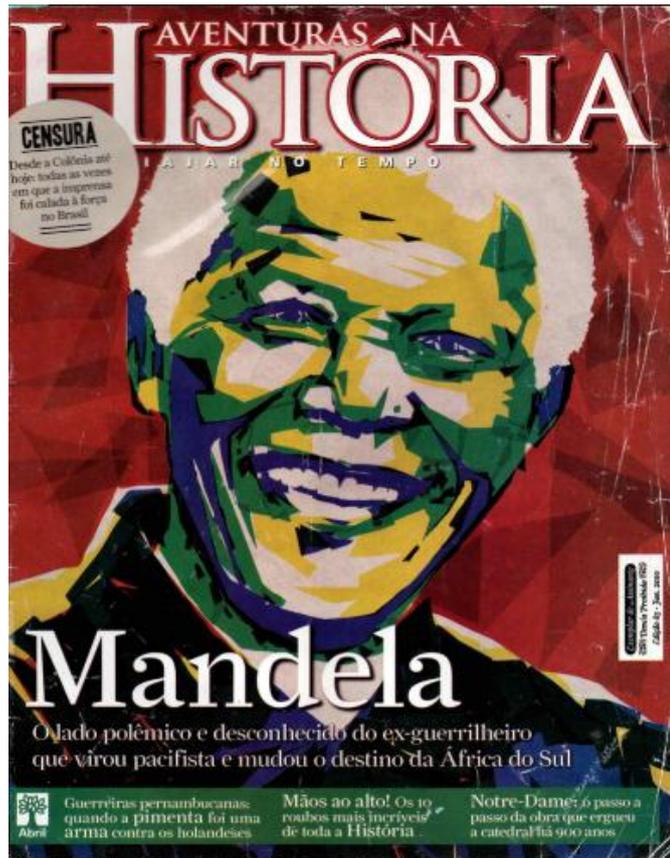


Figura 14 – Nelson Mandela.  
Fonte: Edição de junho de 2010

Na Figura 14 podemos ver a capa de Junho de 2010, cuja matéria principal trata da trajetória de Nelson Mandela. Podemos perceber que a edição optou por uma imagem modificada em detrimento de uma foto real. Esse recurso diversas vezes utilizado nas edições muda na matéria interna, onde são usadas apenas fotos. Mandela é retratado sorrindo, bem ao estilo das imagens veiculadas sobre ele, apesar de sua figura simbolizar a luta e o sofrimento pela liberdade, a leveza do sorriso em contraste com o olhar e a postura forte são na grande maioria a escolha para representá-lo. O subtítulo, porém, denota aquilo que será retratado na matéria interna: o lado desconhecido da grande figura em questão.

Apresentamos, na Figura 15, outra capa em que a intervenção não foi apenas na forma do tratamento da imagem, mas na personificação de um personagem icônico: Xica da Silva retratada, diga-se, a partir de imagem de Taís Araújo que representou a personagem em novela da extinta emissora Manchete entre 1996 e 1997. Xica da Silva diversas vezes tratada de forma sexualizada como a “devoradora de homens”, e não como uma mulher em sua posição de figura histórica, assume nessa capa a imagem de uma produção televisiva.



Figura 15 – Xica da Silva  
 Fonte: Edição de fevereiro de 2017

Na capa de fevereiro de 2017, Xica é chamada de socialite brasileira – qualquer semelhança nessa referência e na imagem a cultura de celebridades não me parece mera coincidência. O estereótipo criado para ela é quase implacável, na medida em que foca nos detalhes controversos de uma vida que fugiu à regra do que poderia ser para uma mulher negra no século XVIII. A ideia que permeia o imaginário brasileiro é bem diferente da figura histórica reconstruída pela pesquisa de documentos e acervos da época em que Xica viveu. Xica enquanto personagem, Xica enquanto figura histórica. Essa é a diferenciação que a revista faz dela enquanto pessoa.

O mundo imaginal irriga a vida, as imagens alimentam a arte, a publicidade, a televisão, a esfera pública e vida cotidiana. Portanto, segundo Guimarães (2007) a imagem assume, nos dias atuais, a função de religar os fatos individuais aos fatos sociais, permeando redes de interação comunicativas. Contudo, há que se pensar que não existem significados fixos para essas imagens. Essas imagens além de signos, são discursos e práticas sociais que determinam não só a produção dessa imagem, mas a elaboração e compreensão da mesma. Certo é que alguns discursos parecem ser cristalizados e tornados oficiais, esse é o caso de livros didático por exemplo, com a representação de índios e negros, que para o autor deixam brechas, contradições, ambiguidades e sentidos distorcidos, quando deixam de lado a

recriação de sentidos. Seria esse o caso também das imagens de personagens históricas na revista?

A capa representada pela Figura 16, aponta uma tentativa de desconstrução da imagem comum de São Francisco.

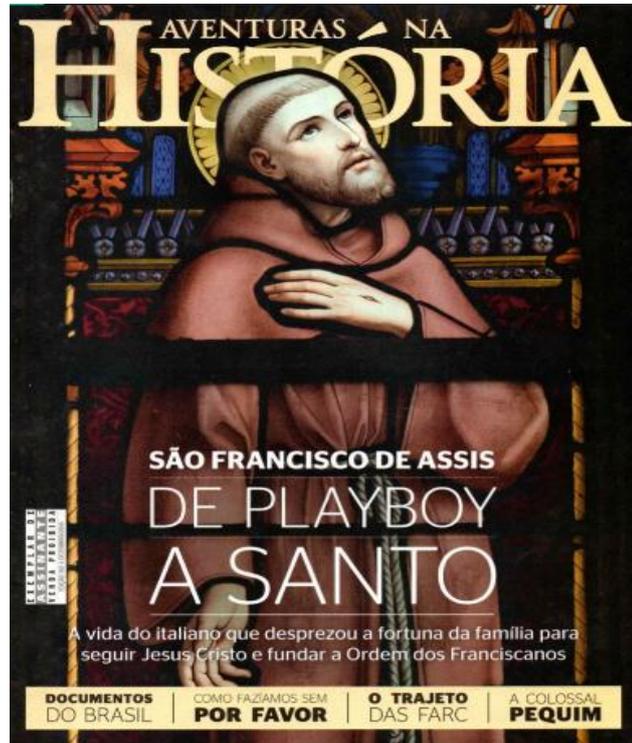


Figura 16 – São Francisco  
Fonte: Edição de dezembro de 2016

Na capa de Dezembro de 2016 podemos perceber a tentativa de desconstrução da imagem de São Francisco. Muitos por não conhecer a vida pregressa do Santo podem estranhar a forma com que o mesmo é chamado: “playboy”. Aqui a imagem já cristalizada pelos fiéis e até mesmo pelos que não são é atingida diretamente pelo caráter mundano apresentado já logo na capa. Porém nota-se que o subtítulo utilizado -: “...desprezou a fortuna da família para seguir Jesus Cristo e fundar a Ordem dos Franciscanos” - denota a exaltação logo após o termo pejorativo utilizado anteriormente. Aqui, a imagem utilizada é de ampla divulgação, já que se trata de uma reprodução de um vitral que é fiel às demais configurações usadas para retratar São Francisco.

Segundo Guimarães (2007, p. 19), o principal erro de interpretação é “reduzir a imagem ao papel de um documento inerte e neutro, um simples parasita de significação que o discurso verbal apresentou, mera duplicata do referente apontado pelo discurso histórico”. Quando apresentadas de forma desconexa, sem assinatura, descontextualizadas, editadas de

diversas maneiras, são reduzidas a um elemento de comprovação do saber e deixam de significar por si mesmas. Há também a perpetuação de mitos. Reprodução de discursos cuja carga impregna a história, impondo muitas vezes a concepção de identidade unificadora criando a falsa ilusão de unidade absoluta e de identidade nacional única.

Nesse sentido, há também a tentativa de desmistificação de nomes que representaram por muito tempo sinônimo de perigo ou de luta para muitos brasileiros. A Figura 17 apresenta a capa de Março de 2016.

Essa publicação trata de Luiz Carlos Prestes e sua trajetória como segundo a capa mesmo o chama: o mais relevante comunista brasileiro. Nota-se a cor de fundo, que não poderia ser outra além do vermelho. O documento de salvo conduto, concedendo a livre circulação interna no país, assinada pela polícia e a foto de Prestes são completados pelo subtítulo que diz: “A transformação de Luiz Carlos Prestes: de capitão do exército e pequeno burguês ao... mais relevante comunista brasileiro.”.



Figura 17 – Luiz Carlos Prestes.  
Fonte: Edição de março de 2016

Apresenta-se, assim, o movimento de mudança do personagem, também chamado na matéria propriamente pelo epíteto que ganhou de “cavaleiro da esperança”. Ainda segundo a revista, a “transformação” de Prestes durante a ditadura Vargas seria ainda mais perigosa, pois seria identificado como comunista causava, segundo o texto da revista, “arrepios” e uma “caçada implacável”. A matéria também ressaltava que o “horror” pelo comunismo já era instaurado nos altos escalões da força nacional. Vê-se aqui um discurso que corrobora a apresentação do personagem como herói, mas também a tentativa de desconstrução do mito em torno dele. Essa parece ser uma constante no tratamento das personagens históricas, mas também de outros temas tratados na revista.

No período analisado, os mais diversos temas permeiam as edições. A dedicação a grandes passagens aliadas a datas comemorativas demonstra a intenção de trazer para o público leitor as principais passagens da história mundial, mas nada muito polêmico ou controverso é convocado para alimentar a curiosidade dos leitores. Nesse aspecto, a estratégia editorial é oscilar entre a quebra de paradigmas e estereótipos como contraponto para as cristalizações tradicionais e o reforço do que já está estabelecido no imaginário sobre personagens e eventos. Além disso, como em demais revistas de entretenimento ou centradas no noticiário político, um tema central da capa é acompanhado no miolo por uma variedade grande de temáticas que não guardam relação entre si. Como por exemplo, na edição de Maio de 2016, temos os seguintes temas: a capa trata dos Judeus no Brasil, na parte interna temos matérias sobre o túmulo de *Shakespeare*, o surgimento da ortografia, os piores desastres ecológicos no mundo, uma viagem por Istambul, a cavalaria Mongol, a relação da maconha com a guerra, a ditadura e o futebol, Cervantes, o plano de sequestro de *Kim Jong-Il*, os amores do tempo do reinado de Dom Pedro I e a foto icônica dos *Beatles*<sup>6</sup>. Essa diversidade de temas acontece em todas as edições e não mantêm uma linha de raciocínio ou um assunto comum. São matérias diversas, com temas diversos para períodos históricos ainda mais diversos. Importa destacar nessa diversidade temática a constância das imagens produzidas e por isso a necessidade de pensá-las.

Se levarmos em consideração que as imagens permanecem no imaginário social como ícones das culturas de que são produto e que também representam, podemos compreender que, como qualquer produção advinda do ser humano, são constituídas a partir de relações sociais, envolvidas em jogos de poder, conflitos e discursos. Segundo Mauad e Lopes (2014), imagens despertam inúmeras questões estéticas e filosóficas, articulados à cultura daqueles

---

<sup>6</sup> Aventuras na História. Edição 154-Maio 2016

que as produzem, de seus leitores, de seus “consumidores”. Esse movimento não ocorreria apenas no tempo da produção, mas também na circulação e quando se tornam fontes. Quando levamos em consideração igualmente os meios de circulação podemos redefinir suas funções, significados e usos. Por meio da visão, a produção dessa relação pode gerar resultados diversos, suportes variados. E então passam a mediar conhecimento através de seus usos e funções. Nesse sentido não seria só uma história por detrás das imagens, mas além disso, uma história das imagens e com as imagens.

Imagens, portanto, podem ser ao mesmo tempo resultado e meio. Resultados de visões da realidade e meios de visualização de dimensões invisíveis aos olhos. Seja como for, se utilizadas como evidências e provas, as imagens serão marcadas pela contingência e pela história. A questão a ser colocada seria com qual objetivo são utilizadas pelo discurso. Aqui, trago uma carta de leitor sobre o tema das imagens (FIGURA 18).



Figura 18 – Seção Carta de leitores  
 Fonte: Edição 89 de dezembro de 2010

Em relação ao uso das imagens na revista há algumas discussões dos leitores para com os editores, em algumas cartas. O grande emprego de imagens modificadas é elogiado e em outras criticado e problematizado. Se de um lado alguns defendem apenas a utilização de

fotos, outros como a carta acima destacam a impossibilidade de fazê-lo em todos os períodos da história. De toda forma a intervenção em fotos e imagens históricas é bem-vinda? Pode ser bom ou é negativo?

A linguagem imagética enquanto mensagem é entendida de forma mais rápida e eficiente. O seu público também é maior devido a essa captação. Crianças e pessoas que não detêm as condições necessárias para decifrar os textos também participam desse contexto. Assim podemos perceber a influência das imagens sobre a sociedade e sobre os indivíduos. Logo, a análise desse tipo de fonte se torna evidente para a “leitura” das estruturas mentais e práticas que envolvem a sociedade em questão.

Nesse sentido, segundo Liebel (2016) há que se tomar um método de análise que respeite as questões específicas da pesquisa e ao mesmo tempo forneça ferramentas que possibilitem o desenvolvimento das reflexões com foco nas fontes imagéticas. Assim, nos diz:

Tais análises podem tomar caminhos diferentes dependendo da natureza da imagem, e a discriminação da fonte assume importância ímpar, especialmente quanto à sua proveniência e legitimidade. Quanto às imagens computadorizadas e especialmente às “montagens” o rigor deve ser mantido, mas isso não as exclui da possibilidade de análise por também poderem ser representativas da sociedade e/ou grupo onde foram produzidas. Também as suas possibilidades de recepção podem levar a diferentes caminhos de pesquisa; ainda que argumentos sobre a forte tendência à crença na veracidade da imagem soem à primeira vista corretos, alguns casos de imagem satíricas e/ou caricatas parecem não dar espaço para tal relação (LIEBEL, 2016, p. 374).

Assim, para tal momento o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu funciona como possível entendimento para a história aqui pensada. O imaginário tem um papel determinante já que relega aos grupos as imagens mentais de orientação para as ações. Esses modelos formam concepções tidas por comuns de ação e de pensamento individual ou grupal. Com isso o imaginário age influenciando a formação e a manutenção de determinados modelos de ação. Isso também determina a forma da experiência e o esquema de recepção.

Já o imaginário integra o conjunto de imagens visuais e verbais gerado pela sociedade na relação consigo mesma. Apesar de sua manifestação individual, a formação da estrutura se dá na coletividade. Mas é claro que não se deve confundir isso com a capacidade de imaginação de cada indivíduo, nesse caso, de um leitor de revista. Dessa forma o *habitus* se orienta por essa bagagem do imaginário. Aqui lembramos que é através desse imaginário que imagens e personagens são construídos com características que acabam por se tornar reconhecida por todos. A cristalização de significados e características ficam cada vez mais fortes com o passar do tempo e alguns deles são dificilmente desconstruídos. Segundo

Moimaz (2012), isso ocorre ainda mais quando há diversas representações de um mesmo acontecimento. São reforçados os estereótipos e, assim, as imagens alegóricas narram. Isso acontece com diversos personagens da história do Brasil ou de outras histórias representadas na revista. O estudo das capas revela essas cristalizações. Nesse sentido, vale ainda lembrar Burke (2004) quando nos diz:

[...] as imagens não são nem um reflexo da realidade social nem um sistema de signos sem relação com a realidade social, mas ocupam uma variedade de posições entre estes extremos. Elas são testemunhas dos estereótipos, mas também das mudanças graduais, pelas quais indivíduos ou grupos vêm o mundo social, incluindo o mundo de sua imaginação (BURKE, 2004, p. 232).

A questão é que a mensagem existente nas entrelinhas pode ser assimilada sem senso crítico. Essas imagens em questão podem reforçar preconceitos e trazer noções equivocadas de época, posto que não foram produzidas para serem documentos históricos e refletem a visão de mundo de um determinado momento histórico.

Assim, podemos dizer que a imaginação do passado em *Aventuras na História* se apresenta como um caleidoscópio. Na medida em que o leitor folheia a revista, ele é levado, ou escolhe diante de imagens limitadas pelo trabalho de edição, a passados diferentes, cuja apresentação muitas vezes anacrônica (São Francisco não era um *playboy*, nem Xica da Silva uma *socialite*) serve para aproximá-los do universo presente do leitor. Imagens do passado rapidamente consumíveis adequadas ao tempo acelerado que não resiste, porém, a certo fascínio que o passado exerce.

### **2.3 A história do Brasil e seus personagens em *Aventuras na História*.**

Nesse tópico tratarei das capas da *Aventuras na História* que fazem alusão a História do Brasil e seu desdobramento para as matérias internas. De forma especial me dedicarei à aquelas que trazem temas de datas comemorativas e que de maneira constante traçam aquilo que identifico como o cânone da história nacional, se entendermos por isso o conjunto de eventos e personagens que se tornam lugares comuns que balizam o entendimento da história. São imagens da história brasileira que se apresentam como clichês. No período em questão identifiquei 28 capas que tratam diretamente de passagens sobre a história do Brasil, contando também com personagens brasileiros que trazem em sua vida questões sobre o país. Assim, a revista se coloca numa série mais longa de impressos que, através da visualização das imagens, ultrapassam as instituições e seus rituais, não se confundem com as instituições o

Estado responsáveis pela instrução cívica, mas colocam em evidência o caráter pedagógico que está em jogo<sup>7</sup>.

Nesse sentido *Aventuras na História* realiza fortemente tal movimento uma vez que, em diversas oportunidades, destaca a imagem e o texto ali se torna coadjuvante – e como já notamos acima esse apelo constante ao visual amplia o universo de leitores/consumidores de história. Esse movimento é confirmado nas falas de leitores que dizem preferir a revista por tratar os temas de forma prática e rápida, não deixando de lado o valor da informação que ensina e entretém, como podemos verificar pelo relato na Figura 19.

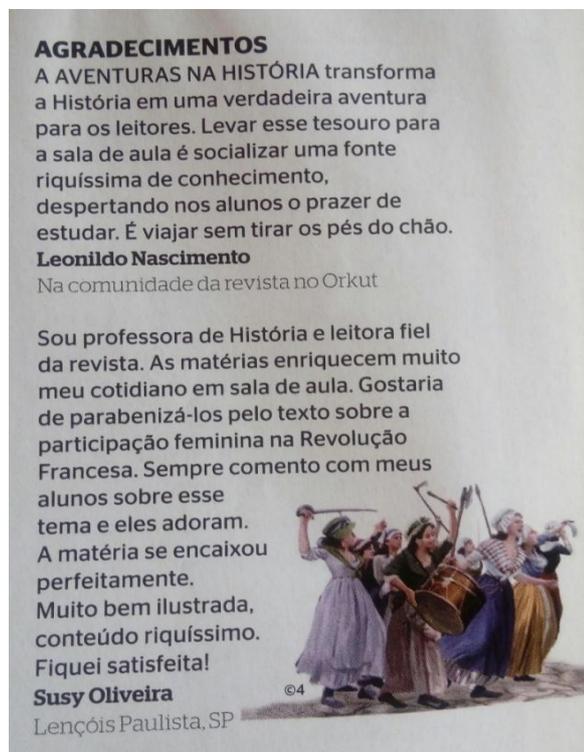


Figura 19 – Seção Cartas de Leitores  
 Fonte: Edição 84 de julho de 2010

Podemos notar o *feedback* dos leitores quanto aos temas e ao tamanho da revista.

<sup>7</sup> Aqui me refiro ao jogo relacionado à intenção do Estado em dizer aos seus cidadãos o que ver e pensar em relação a personagens e fatos da História do Brasil. Esse movimento realizado diversas vezes ao longo da trajetória brasileira possibilitou a implantação de exaltação e “ocultamento” de alguns assuntos caros ao governo, como por exemplo Tiradentes e os bandeirantes em geral. E de outro lado temos figuras como Zumbi que foi valorizado e só ganhou visibilidade com os movimentos em favor das minorias. Ou como Chica da Silva e a deturpação de sua imagem.



Figura 20 – Seção Cartas de Leitores  
Fonte: Edição 84 de julho de 2010

A revista conta ainda com páginas nas principais redes sociais e recebe os comentários via *Facebook*, *Twitter*, *E-mail* e agora também *Instagram* (FIGURA 20). Note-se que os leitores, ou melhor, que a seleção de suas falas pela revista destaca a satisfação de um vício em conhecimento, da curiosidade e da surpresa a cada número novo.

No entanto, algumas divergências e críticas também se apresentam no que se refere à seleção dos temas. A Figura 21 apresenta duas cartas de leitor que divergem sobre a questão de escolha das temáticas e formato da revista.

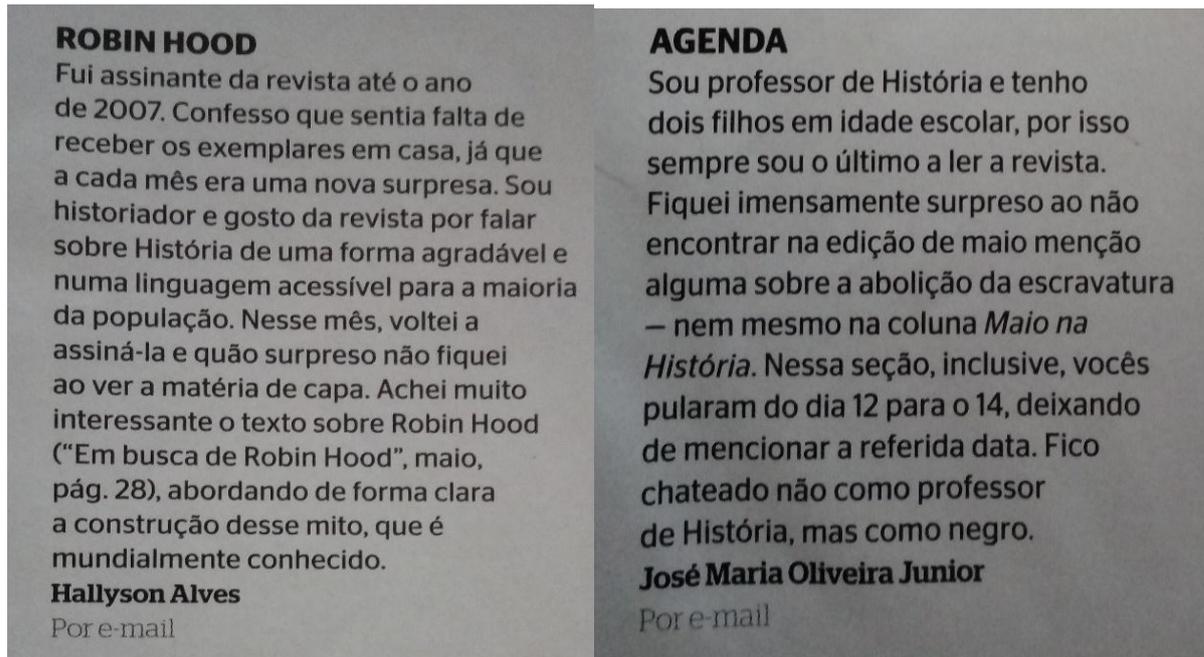


Figura 21 – Seção Cartas de Leitores  
Fonte: Edição 84 de julho de 2010

Aqui podemos notar que dois profissionais da área de educação e história divergem a respeito da “qualidade” da escolha de temas e/ou formas de abordagem na revista. Se de um lado há o elogio da escolha de Robin Hood, de outro a falta de menção à Abolição da escravidão incomodou. Os temas mais polêmicos e complexos, mesmo aqueles que também são convencionais embora secundarizados no cânone da história nacional como é o caso da Abolição, são em geral deixados de lado ou apenas relegados a pequenas notas.

Outra questão que pode ser evidenciada é a utilização da revista tanto em sala de aula como para atualização de profissionais e interessados. Nesse sentido o contato com produções de conteúdo histórico se dá não só por meio de livros e pesquisas, mas as revistas de variedade e de nichos específicos fazem sim parte desse contexto educacional. Para tanto, a responsabilidade dessa produção se torna cada vez maior, uma vez que influencia na formação e consequente entendimento da história do Brasil e do mundo para aqueles que leem esse tipo de produto editorial. Assim, as escolhas de palavras, imagens, manchetes e até mesmo dúvidas devem ser pensadas a partir da demanda e da qualificação das fontes utilizadas para a pesquisa e consequente publicação na revista. Mas voltemos a análise das “aventuras” da história do Brasil.

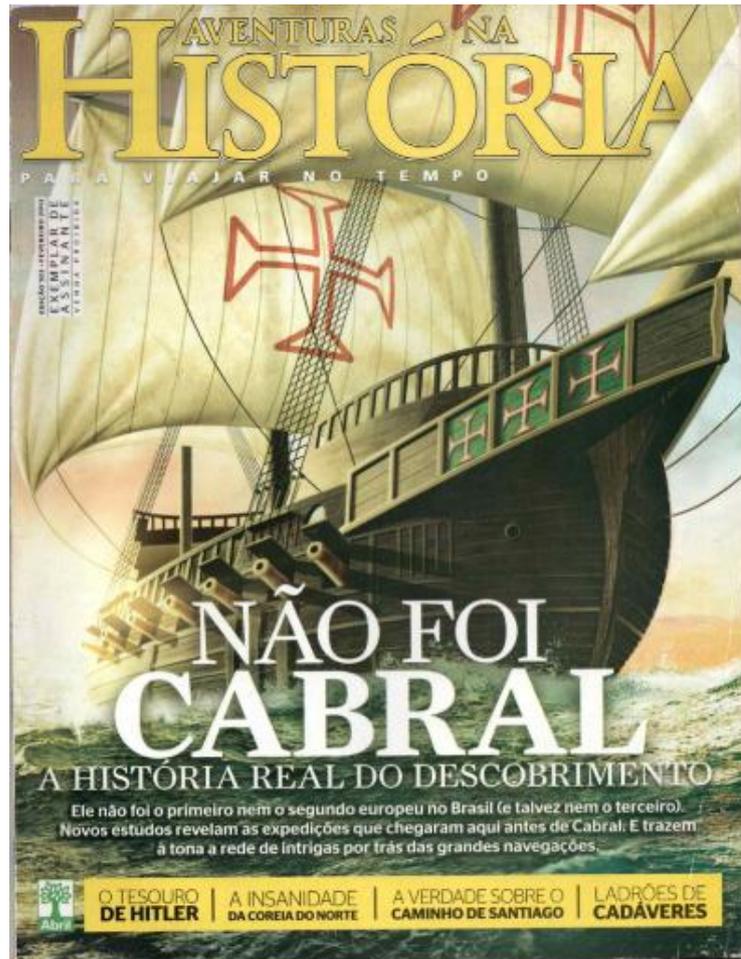


Figura 22 – Não foi Cabral.  
 Fonte: Edição fevereiro de 2012

A edição de fevereiro de 2012 (FIGURA 22) traz à tona uma discussão que por muitas vezes foi levantada sobre a história da chegada dos europeus em terras “tupiniquins” segundo o texto da matéria. Segundo a capa não foi Cabral quem aqui chegou primeiro. Apesar de ter tomado a posse do território outros navegadores poderiam ter chegado anteriormente. Na matéria interna o destaque se dá nas intrigas e disputas que eram travadas em busca de rotas e territórios. Alguns nomes são apontados como: Duarte Pacheco (1498), Vicente Pinzón (janeiro de 1500) e Diego de Lepe (fevereiro de 1500). O texto da matéria é escrito por Tarso Araújo, jornalista colaborador da revista. Segundo o texto, não há dúvidas de que Cabral chegou intencionalmente às terras que viriam se chamar Brasil, mas há uma discussão sobre o fato de ter contrariado as ordens do rei ao chegar e tomar posse, pois a intenção inicial era utilizar o território como escala para a Índia. Apesar das evidências de expedições anteriores vindas das mesmas rotas, não há provas documentais de que tenham aqui aportado. Também segundo o texto, ainda antes da era dos “descobrimientos”, os europeus tinham várias superstições relativas ao mar aberto. Alguns mapas do século XIV e XV traziam uma ilha

chamada de *Hy Brazil*, que era vista como mítica e paradisíaca situada em algum lugar do atlântico. E talvez essa teria sido mais uma das referências mais fortes usada ao dar nome ao Brasil<sup>8</sup>.

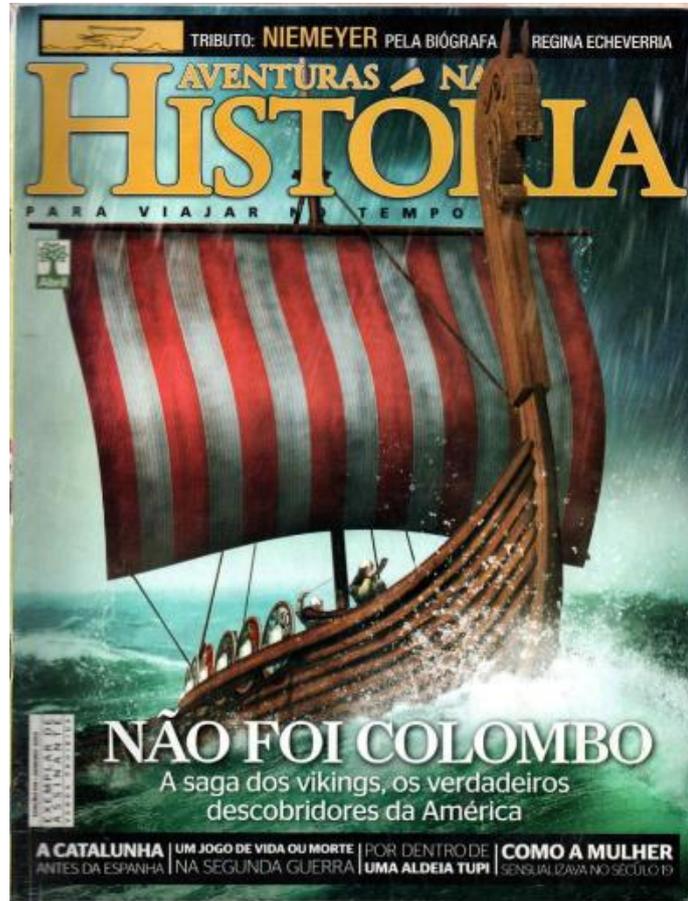


Figura 23 – Não foi Colombo.  
Fonte: Edição janeiro de 2013

No ano seguinte, a edição de janeiro de 2013 traz uma capa extremamente parecida, mas dessa vez a questão é a chegada de Colombo à América, como pode ser observado na Figura 23. A afirmação da capa é de que foram na verdade os *Vikings* os que chegaram à América primeiro. Demonstrando como o padrão e estratégia se repetem em temas convergentes. Segundo Fábio Marton, jornalista colaborador da revista, os *Vikings* chegaram ao Novo Mundo cinco séculos antes de Colombo. O mistério fica por conta do porque eles abandonaram o território antes da chegada dos espanhóis. Uma possibilidade é a hostilidade dos habitantes locais que atacaram fortemente os exploradores. Apesar de a América ter sido batizada em homenagem a outro explorador, Américo Vespúcio, Colombo chegou à América depois de uma viagem a Islândia, onde possivelmente tenha ouvido sobre as aventuras dos

<sup>8</sup> Aventuras na História. Edição 103. Fev.2012. Pg.

vikings em suas navegações, apesar de não haver qualquer menção a isso em sua biografia ou documentação. Contudo, acredita-se que ele tenha sim escutado sobre a tentativa de colonização.



Figura 24 – Dom Pedro e a princesa Isabel.  
Fonte: Edição setembro de 2013

Nessa capa de Setembro de 2013, a relação de pai e filha é destacada (FIGURA 24). São usados adjetivos como “culto” e “carola” para descrever os personagens. O termo para Isabel se dá pela dedicação à religião, sobretudo após a perda do primeiro filho. Estando grávida na Europa, teve de voltar às pressas ao Brasil e acabou por ter complicações que levaram ao óbito do feto. Depois de tal situação, a relação com pai se abala, pois, a princesa o culpa pela necessidade da viagem e consequente perda do filho. Segundo o texto de Wagner Gutierrez Barreira - que diferente dos demais citados relata suas fontes, que aqui são Mary Del Priori, Jose Murilo de Carvalho e Laurentino Gomes – Dom Pedro II não tinha intenção de deixar o trono para a filha. Por diversos motivos que entre eles estavam a submissão ao marido estrangeiro, a falta de entendimento sobre a história do Brasil e a dedicação intensa à

religião. Havia também uma conformação a respeito da República que para o imperador era um caminho natural e melhor do que a monarquia. Com a Abolição, os parceiros políticos evidenciaram que a princesa ganhava admiradores e perdia o trono. A lei que foi assinada por Isabel teve boa recepção por seu pai que a essa altura já tinha uma visão fatalista dos caminhos que o Brasil tomaria. O imperador, retratado como homem culto, com a Proclamação retorna à Europa onde se dedica às letras e se junta a intelectuais que enquanto monarca ajudava com doações. Isabel também retorna com sua família e durante a primeira guerra trabalha como gestora de cozinhas comunitárias e seu marido se dedica à cruz vermelha. Pai e filha morrem sem retornar ao Brasil. A imagem austera e firme de Dom Pedro II, com olhos focados é evidenciada na capa e Isabel é retratada de forma mais frágil, com olhar distante. Dessa forma a imagem corrobora aquilo que se sabe sobre as personalidades dos dois personagens em questão. Outra capa importante vem a seguir:



Figura 25 – 1822  
Fonte: Edição dezembro de 2010

Na Figura 25, capa de Dezembro de 2010, Dom Pedro I aparece com um olhar intrigante e postura austera. A capa traz a manchete sobre a guerra separatista e a tentativa de rompimento com Portugal. A matéria interna busca mostrar como tal rompimento afetou a história do Brasil. Com texto de Tiago Cordeiro, jornalista colaborador da revista, também baseado nos livros de Laurentino Gomes (mas também faz menções a historiadores como: Eduardo Franco Paiva, Maria Luiza Marcilio, Luiz Felipe de Alencastro, Gladys Sabina Ribeiro, Vantuil Pereira, Ricardo Sales e Keila Grinberg), inicia pela cena de proclamação da Independência. A tela de Pedro Américo é relacionada e explicada, salientando os mitos e verdades por trás da imagem histórica. A matéria destaca as mudanças provocadas no cotidiano que sinalizavam o pertencimento nacional, tais como utilizar roupas de algodão, fabricadas pelos próprios tecelões brasileiros, e chapéus de carnaúba. Até sobrenomes foram mudados e os mais nacionalistas usavam uma linha definida no corte de cabelo para demonstrar o caminho da liberdade. Hábitos de fumar charutos ou cachimbos também mudaram, dando espaço para o fumo local. O cavanhaque passou a ser sinal de apoio aos portugueses e por vezes, segundo o escritor, provocou embates. Ainda segundo a matéria transformações econômicas também marcaram o processo: o comércio interno se intensificou a partir do momento em que as importações e exportações não são mais compulsórias, mas trocas comerciais.

O aumento da população do Rio de Janeiro e de outras capitais também é sinal das mudanças. A Constituição também discutida é aprovada nesse período de intensa atividade política. Divididos em diversas correntes, a elite política lidava com as tentativas de dar vazão aos projetos diferentes de nação ali pensada. O poder moderador de Dom Pedro I garantia a administração sobre as demais disputas. É também desse período, a carta que garantia liberdade de culto e da imprensa, mudando o perfil dos eleitores. Ainda segundo a matéria, os debates não estavam restritos às elites, o povo participou ativamente do período com revoltas, petições e queixas que faziam pressão nas decisões. Dom Pedro I enfrentou diversas formas de resistência, sobretudo pelos vínculos ainda fortes com Portugal. Os escândalos de sua vida pessoal e a perda da guerra da Cisplatina fizeram com que seu prestígio fosse contestado, culminando com a saída da família real do Brasil e indo para Portugal. Ao deixar a regência para seu filho de apenas 5 anos, entrega a política para articuladores locais e deixa o Brasil mergulhado em revoltas e protestos até que Dom Pedro II assumisse e tentasse a estabilização política. Apesar de Dom Pedro I ser costumeiramente citado como mulherengo e problemático a capa não demonstra tal figura. Ao fundo se vê a arquitetura e a movimentação dos escravos nos comércios de rua e Dom Pedro I em seus trajes reais.

A última capa que trago para a análise trata de brasileiros importantes para a história do país, replicando o tipo de eleição de personagens históricas já apresentado em outros momentos (FIGURA 26).



Figura 26 – Os dez brasileiros fundamentais.  
Fonte: Edição abril de 2014

Se na capa de Abril de 2014 figuram apenas quatro dos 10 personagens eleitos (FIGURA 26), na matéria interna são todos elencados: Getúlio Vargas, Dom Pedro II, Dom Pedro I, José Bonifácio, Juscelino Kubitschek, Joaquim Nabuco, Machado de Assis, Oscar Niemeyer, Zumbi e Monteiro Lobato. Com a mesma técnica já utilizada, a eleição ocorreu levando em conta os votos de historiadores, escritores e jornalistas consultados. Sendo que os três mais votados são: Kubitschek, Vargas e Machado de Assis. Vale lembrar que assim como nos 10 nomes mais importantes para o mundo, aqui também não contamos com nenhuma

mulher. Mas pelo menos os negros e ativistas foram lembrados. Contando com uma página para cada um dos nomes ganhadores, a publicação traça um perfil pessoal e de realizações que justificam a escolha e a importância de cada um deles. Assim como na matéria que elegeu os 10 nomes mais importantes da história mundial, bem como em outras da mesma revista, a história se apresenta como produto da ação de indivíduos modelares ou excepcionais. Essa é, ao fim, a compreensão da história que a revista acaba por reforçar.

O reforço dessa visão factual (acontecimental) da história se ampara fortemente, como já dissemos na criação de imagens sobre personagens e eventos, numa integração entre texto e objetos visuais. Assim, no que se refere às intenções pedagógicas, ou ao menos certo resultado pedagógico da revista, é preciso notar que a imagem pode ser tomada como agente social e político. Elas “dizem” e “mostram” exatamente aquilo que os olhos de cada um podem ver em suas especificidades.

Ainda quanto às imagens, as práticas de ver e comentar não indicam que esses enunciados sejam a tradução das imagens em palavras. Procurar, portanto, uma origem da escrita na imagem é deixar de compreender a imagem e tudo que há nela de específico. Há que se atentar para a questão de que devemos considerar imagem e texto como autônomos, tomam corpo a partir de ordens históricas, individuais e/ou coletivas.

Assim nos diz Belmiro (2012, p. 119):

[...] as figuras nas telas de pintura evocam uma história que, por sua vez, está presente na nossa memória. Entre as figuras, a presença do vazio aproxima e compõe relações que criam enredos. É essa memória que é evocada pela tela que produz narrativa, que capta e devolve um modo particular da forma como a cultura se preserva (BELMIRO, 2012, p. 119).

Levando em conta tal questão, podemos notar como as pinturas e outras imagens icônicas que permeiam nosso imaginário e construção sociocultural exercem forte influência em nossa forma de pensar e enxergar a história do Brasil - que aqui está em pauta - demonstrando como essas obras ainda são de grande valia para a análise das relações e episódios históricos brasileiros.

Podemos pensar a presença de uma imagem visual convocada pelo texto e não somente a utilização de uma imagem visível para a ilustração ou como ponto de partida criativo. Segundo Belmiro, na Idade Média as imagens foram usadas como forma de traduzir textos e orientar os analfabetos na leitura das escrituras sagradas com peso de convencimento retórico. Portanto, nesse período a preocupação com a literalidade da imagem se dava na medida em que ela era a forma pedagógica utilizada na substituição da narrativa pela imagem.

Assim, a imagem se submetia a lógica do discurso. Porém, aqui, para o caso da revista, as imagens não precisam necessariamente obedecer à essa lógica estrita. Mas muitas vezes é isso que ocorre. E é através delas que se manifestam preconceitos, ideologias e desejos.

E Belmiro (2012, p. 119) segue dizendo:

Se as imagens serviam para, na sua origem, o homem se comunicar com os deuses; se, depois, o homem se serviu da imagem para tornar visível o invisível; se a imagem da sociedade ocidental absorve o logocentrismo e suas estruturas discursivas; e se, mais ainda, o sistema de escrita alfabética se apropria das imagens para seu uso no nível fonológico, em substituição às letras; então expõem-se diferentes dinâmicas de convergência sempre renovadas no âmbito das diversas formas de comunicação, das expressões plásticas, gráfica, literária, contribuindo para o aprendizado e expressão da cultura (BELMIRO, 2012, p. 119).

Assim, tanto as palavras quanto as imagens se tornam recursos que permitem a aprendizagem de diversas propriedades do mundo. Dessa forma, a escola deveria investir na apreciação estética. Segundo Lopes (2003) é preciso que seja desenvolvida uma educação visual que propicie uma interação de modo mais direto e criativo com as imagens e mensagens que estão a nossa disposição no mundo contemporâneo. Com a multiplicidade e diversidade de olhares, formas e pontos de vista, as variadas maneiras de estar e ser, a medida mais oportuna para essa aproximação para com o visual é acompanhar e reconhecer as manifestações do ser humano que acabam por se concretizar na linguagem visual. No entanto, não parece ser o caso e a apreensão das imagens e essa educação visual acaba sendo exercida quase exclusivamente pelas mídias e, particularmente, pelas revistas de variedades. Elas constituem os códigos a partir do qual se pode “ver” a história do Brasil numa revista como *Aventuras na História*, um código no qual eventos, personagens e imagens canônicas da história nacional ainda prevalecem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As apropriações e construções de sentido são importantes para pensar as representações. No caminho percorrido durante a pesquisa e elaboração da dissertação, a busca por compreender qual o valor e o sentido da História publicada na revista *Aventuras na História* se tornou o mais importante. A revista em suas publicações mensais manteve seu foco em comemorações e nomes de grandes personagens da história, sobretudo brasileira, também se baseando em temas do momento e produtos da indústria cultural como biografias, romances históricos, cinema etc. A questão central que busquei compreender com essa pesquisa residia nas perguntas: por que a História continua sendo importante para o dia a dia das pessoas que não estudam ou trabalham com a mesma? E por que a História tem sido utilizada, principalmente na última década, como forma de entretenimento? Não sei se respondi exatamente tais questões, mas o que ficou evidente é que a história tem espaço no cotidiano dos leitores interessados e que é vista de forma informativa na produção apresentada. Os leitores ainda procuram ler sobre personagens e passagens da história. Se essa história está longe de ser a mestra que regia a vida, está sim próxima daquela que mostra como era a vida, o comportamento e as questões em outros contextos. De toda forma, a maneira com que a revista apresenta os temas faz com que quem se propõe a ler seja informado/ensinado sobre algo. E com isso cumpre o papel proposto. A forma com que se apresenta a história na revista coincide com a forma que o seu público (escolar) procura obter conhecimento. De maneira rápida e resumida. Dessa forma, essa leitura se caracteriza por textos rápidos e com informações relevantes para que se causar interesse o leitor possa assim buscar maiores informações sobre o tema. As indicações funcionam não só como base para a pesquisa, mas também como propaganda de produtos relacionados.

Iniciamos a explanação com a identificação desse momento de efervescência junto à comemoração dos 500 do “descobrimento” do Brasil. esse contexto foi de suma importância para o surgimento da revista e de todo o mercado que se abriu para as publicações desse sentido.

Pensando na inflação de memória podemos ver que as transformações estruturais que apontam para uma aceleração vertiginosa da experiência estão sempre presentes. O passado consumido surgiria, portanto, como um refúgio temporário ao poder destrutivo da aceleração. O passado curioso tomaria o lugar do passado que orienta. A cultura antiquária também pode ser um retorno do sintoma desse momento de grande consumo da cultura histórica.

Há quem diga que é preciso conhecer o passado para poder refletir sobre o presente e pensar o futuro, mas talvez essa curiosidade advenha de outro aspecto, indicando uma transformação da função do passado. Por muito tempo, a história foi utilizada para legitimar posições e construções políticas, como a Nação por exemplo. A História assumiu um caráter de poder e de libertação. Poder por ter a força de justificar certas atitudes (ou ao menos tentar fazê-lo), e libertação por abrir os olhos para as possibilidades, versões e situações.

Para Gumbrecht (1999), por exemplo, não mais utilizamos o conhecimento histórico para a orientação em nossa vida prática. E dessa forma a historiografia estaria colocada em xeque na medida em que não pode ensinar como já foi acreditado. A história teria então a força de fascinar mesmo que sua capacidade de ensinar tenha se enfraquecido. E esse fascínio faria com que tivéssemos cada vez mais o desejo de conhecer e estar em lugares que nos fariam acreditar na possibilidade de reviver aquilo que já foi, mesmo que tenhamos a noção de que isso não é possível.

Quando pensamos na mídia como reprodutora de materiais e produtos, podemos refletir quanto a questão apresentada por Nora (1988) referente à divisão entre o popular e erudito, que vai desaparecendo com a mídia tão voraz que se apresenta nos dias atuais, e, assim

o fosso que tradicionalmente separava dois mundos, os dominantes e os dominados da informação, duas culturas, erudita e popular, tende a desaparecer ou, melhor dizendo, uma hierarquia mais estável se estabelece no interior do mundo da informação, no universo dos *media* (NORA, 1988, p. 186).

A imprensa e sua participação no dia-a-dia também devem ser pensadas no sentido de objeto e sujeito histórico. Segundo Luca e Martins (2008), podemos pensar essa relação para além desse aspecto, mas no seu contínuo movimento junto a história do Brasil. Assim caminhariam lado a lado, como uma auto explicação que se alimentam entre si. Através da imprensa podemos observar as mudanças políticas, as transformações sociais, os dilemas dos grupos sociais e suas escolhas. E está também diretamente ligada à cidadania e à democracia. Mesmo com um nascimento tardio no Brasil, isso não significou uma atividade insignificante, pelo contrário, no século XIX, é praticamente incontável o número de publicações. Pela imprensa as principais formas de modernização foram sendo incorporadas ao cotidiano. A inovação estava presente com as fotografias, com as charges, as caricaturas. Com um país de tamanho continental não era uma tarefa muito fácil fazer com que as notícias chegassem com rapidez, nem que as ideias circulassem com facilidade por isso se tornou tão importante contar com a modernização. Assim, tornou-se também um serviço a favor da civilização e do

progresso. O governo a cortejou com grande interesse. E é preciso pensar nessa ampliação da divulgação da cultura como um mercado, o consumo da cultura se torna lucrativo na medida em que encontra um campo fértil com as revistas. E por fim, a produção da mesma (cultura), passa a ser industrial para atender à demanda do mercado. Já não cabe aqui o projeto ou a visão romântica desse trabalho. Já não há uma missão, mas uma “obrigação de produzir um material a ser vendido”. E com esse movimento, a implantação de uma indústria cultural altera o padrão de relacionamento com a cultura, uma vez que passa a ser vista como um investimento comercial. Porém, segundo Ortiz (1991), a cultura mesmo que industrializada não seria uma mera mercadoria, mas deveríamos vê-la como um “valor de uso”, que está intimamente relacionado com sua manifestação. Os impressos dedicados ao mercado emergente do país demandaram também uma produção alinhada à diversificação e segmentação do público leitor/consumidor.

Uma questão importante para a discussão se caracterizou pela pesquisa de Joao Paulo Pimenta onde pudemos perceber o conhecimento fragmentado do brasileiro médio em relação a história do próprio país. Essa relação advém não só da dificuldade habitual de realizar a correlação de fatos e datas importantes, mas também demonstram as falhas na educação formal no Brasil. Sem uma educação básica de qualidade não há possibilidade de que a população seja crítica e informada sobre os temas abordados na pesquisa. Outra faceta importante está no poder que a mídia televisiva exerceu por anos na sociedade brasileira. Nos dias atuais, com o grande acesso à internet, a população tem mais possibilidades de informação e de construção crítica. O que não quer dizer que o quadro tenha mudado de forma significativa.

As revistas representam essa diversificação e, dessa forma, se tornaram novas fontes e objetos de pesquisa histórica. Couberam a elas a especificidade dos temas e seu aprofundamento. Seus diversos segmentos como o religioso, esportivo, histórico, feminino, acadêmico, literário, atendiam interesses diversos não só no sentido de mercado, mas como de divulgação de valores e ideias.

E foi a segmentação que levou a Abril a ser a maior editora de revistas do Brasil e da América Latina. Além disso, se preocupou com o leitor, fazendo-o um contribuinte para as pautas, para a formação das revistas. Tânia de Luca os coloca como os primeiros que se preocuparam com essa dimensão, fazendo com que se colocassem mais próximos dos consumidores. O desejo era que todos os seguimentos sociais tivessem acesso ao produto e a principal preocupação era com que a sofisticação não fosse um fator de contaminação e consequentemente formasse um processo de segregação ou falta de identificação com o

público. Portanto, não há categorias de leitores, todos merecem o mesmo rigor profissional. A preocupação estava na diagramação e edição contando sempre com imagens e legendas e como forma de transmissão de uma mensagem clara sobre os temas e conteúdo.

Fato é que em 2018 a situação está bem diferente em relação a editora e a vendagem de revistas. Nos últimos meses a editora Abril acabou demitindo centenas de profissionais e se manteve apenas com os títulos mais tradicionais. Vivemos a era digital e a falta de lucro e interesse para tais publicações torna o mercado ainda mais enxuto. *Aventuras na História* continua sendo publicada pela editora Caras que adquiriu os direitos ainda em 2014. E quanto ao interesse por material de tema histórico, continuamos com diversas séries de TV, filmes e games desse seguimento. Além disso o mercado literário permanece aquecido para tal produto.

Quanto às hipóteses elaboradas a partir do início da pesquisa, podemos dizer que se confirmaram na medida em que: A revista se caracteriza pelo foco em reconstruir acontecimentos e personagens históricos de maneira similar àquela realizada nos meios impressos que fundam a cultura das celebridades. Seria essa uma tentativa de aproximação da História com o público. Procuraria, assim, produzir a identificação entre acontecimentos e personagens passados e o presente. E também possui uma forma de representar o passado correspondente às lógicas próprias da informação. Essas formas requerem um tipo de texto e projeto gráficos adequados ao interesse de um público consumidor interessado em informação histórica; portanto, o jornalista se apresenta como o profissional adequado a suprir esse tipo de interesse que, em princípio, destitui a história de complexidade.

A revista não se dedica mais detidamente a temas espinhosos e controversos. Os silenciamentos são diversos e prestigia-se mais as questões recorrentes com indicações para a expansão caso seja o interesse do leitor. Uma mudança sutil mais notada foram as capas a partir de 2016. Passou-se a veicular capas mais sucintas e simples do que as edições anteriores, dando mais espaço para fotos e títulos breves, deixando a diagramação mais bonita e mais agradável à primeira vista. Quanto às matérias e divisões internas, pouco mudou desde os primeiros números analisados. A mudança editorial não significou nova abordagem nem novas propostas.

O conteúdo do que se publica na imprensa periódica já foi e ainda é objeto de acirradas polêmicas. Há objetividade e/ou neutralidade? Porém, para De Luca, o risco de adentrar nessa discussão está em não retirar dele algo efetivo que possa colaborar para o trabalho do historiador. O que há de se fazer é concentrar esforços na análise do discurso e problematizar a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio

acontecimento, questão, que, há que se notar, está longe de ser exclusiva do texto da imprensa. O pesquisador de jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia ou obteve interesse. É preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade para alguma coisa. Os discursos adquirem significados de diversas formas. A ênfase em determinados temas, linguagem, natureza do conteúdo não se dissociam da natureza do público que o produto pretende atingir.

A escolha por apresentar a revista com um diagnóstico panorâmico passou pela infinidade de temas abordados pela mesma e por possibilitar inúmeras discussões em relação às escolhas, aos silenciamentos e às diversas formas de apresentar de forma indireta questões atuais e espinhosas. O principal objetivo traçado foi mostrar como a revista se coloca no mercado e como apresenta os temas e divulga a história. Com a lógica de mercado invadindo os diferentes nichos esse material tem cada vez mais espaço e consumo nos dias atuais. Os números mostram como a vendagem foi alta e como apesar de ter se reduzido o consumo por impressos com o avanço das revistas on-line, o periódico em questão foi suficientemente interessante a ponto de ser vendida para outra editora que mantém as publicações nos mesmos padrões e periodicidade.

Enquanto profissional da área de história vejo a revista como instrumento de ensino e pesquisa. Na medida em que o público se interessa e consome, precisamos pensar como isso afeta escolhas e entendimentos de mundo. Vivemos tempos em que profissionais vem sendo atacados simplesmente por tentar fazer com que as pessoas pensem fora dos padrões e/ou respeitem escolhas que não são delas. Apesar dos estereótipos muitas vezes serem reforçados nas páginas de *Aventuras na História*, o simples fato de indicar e tentar reconstruir um personagem, já serve como estímulo para novas visões. Se muitas das vezes a produção da academia não chega ao público não especializado, essas produções chegam e fazem seu papel de saciar a curiosidade por temas mais diversos possíveis. Nesse sentido vejo como válida a tentativa realizada pela revista. Outro fator importante é que não se trata de uma revista pequena, a média de páginas fica em 60 páginas, o que se for considerado para o mês é bem pouco; entretanto, levando em conta a média de leitura do brasileiro (dois livros por ano) ler a revista mensalmente já se torna um bom exercício.

Acredito que as críticas que são relegadas à forma de produção de história por outros profissionais que não da própria área de estudo, são relativas ao desejo de poder e detenção do monopólio do que dizer e como dizer. A falta de reconhecimento e de cuidado com essa questão produz discussões que se fossem direcionadas ao que realmente faz diferença, seriam

mais produtivas. Todo aquele que escreve deseja ser lido. Todo aquele que ensina ou entretém, ou analisa quer ser ouvido. O conhecimento deve ser o objetivo.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Marcelo Santos de. **Imagens consagradas**: impressos, circulação e consumo da pintura histórica oitocentista. In: Cultura visual e história [recurso eletrônico] organização Iara Lis Franco Schiavinatto. Eduardo Augusto Costa. - 1. ed. São Paulo: Alameda, 2016.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BELMIRO, Celia Abicalil. Entre modos de ver e modos de ler, o dizer. **Educação em revista**. Belo Horizonte. v. 28. nº04. p. 105-11. Dez. 2012. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/edur/v28n4/05.pdf](http://www.scielo.br/pdf/edur/v28n4/05.pdf). Acesso em: 20 mai. 2017.

BEVERNAGE, B.; LORENZ, C. **Breaking up time**: Negotiating the borders between present, past and future. An introduction. In: BEVERNAGE, B.; LORENZ, C. (orgs.). *Breaking up time: negotiating the borders between present, past and futures*. Göttingen: Vandenhoeck and Ruprecht, 2013.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica Paulo Vaz. 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Testemunha ocular**: história e imagem. São Paulo: EDUSC, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação Das Almas**: o Imaginário da República no Brasil. Companhia das Letras. São Paulo. 1990.

CEZAR, Temítocles. **Tempo presente e usos do passado**. In: VARELLA, Flavia (org.) [et al.] *Tempo presente e usos do passado*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

CHADE, Jamil Cezar. 500 anos de Periferia: uma contribuição ao estudo da política internacional. *Rev. bras. polít. int.*, Brasília, v. 42, n. 2, p. 176-178, dez. 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-73291999000200013>. Acesso em: 16 set. 2018.

CORRÊA, Thomaz Souto. **A era das Revistas de consumo**. In: MARTINS, Ana Luiza; TANIA, Regina. (Organizadoras). História da imprensa no Brasil. 2ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2013.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. **Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver**. Belo Horizonte: Autentica, 2002.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2002.

GODOY, Adriana Cristina de. **As imagens na sala de aula: produção de conteúdo visual no ensino de História e Geografia local**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013. Disponível em: doi:10.11606/D.59.2013.tde-19022014-173117. Acesso em: 14 mai. 2017.

GONTIJO, Rebeca. Sobre a cultura histórica e usos do passado: a Independência do Brasil em questão. **Almanack Guarulhos**, n.08, p.44-53 2º semestre de 2014. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/alm/n8/2236-4633-alm-08-00044.pdf](http://www.scielo.br/pdf/alm/n8/2236-4633-alm-08-00044.pdf). Acesso em: 14 mai. 2017.

GUIMARAES, Manoel Luiz Salgado. **O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória**. In: Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história. Martha Abreu, Rachel Soihet e Rebeca Gontijo (orgs.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Em 1926: vivendo no limite do tempo**. Tradução de Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

\_\_\_\_\_. **Depois de “Depois de aprender com a história”, o que fazer com a história agora?**. In: Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão. Fernando Nicolazzi, Helena Molloy e Valdeci Lopes de Araújo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: Presentismo e Experiências do Tempo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

\_\_\_\_\_. **Culturas do passado presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória. 1942**. Trad. Vera Ribeiro. 1. Ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014.

KALLÁS, Ana Lima. Usos públicos da história: origens e desdobramentos no ensino de história. **Revista História Hoje**, v.6, nº12, p.130-157. 2017. Disponível em: <http://rhj.anpuh.org/RHHJ/issue/view/12/showToc>. Acesso em: 10 ago. 2016.

LIEBEL, Vinicius. O historiador e o trato com fontes pictóricas: a alternativa do método documentário. **Topoi (Rio J)**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 372-398, dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101x01703303>. Acesso em: 20 set. 2017.

LOPES, Ana Elisabete. **Artes visuais e os diferentes modos de ver**. In: Educação@pós-modernidade. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2003.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **História da Imprensa no Brasil**. Editora Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: Fontes Históricas. Carla Bassanezi (org). 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2006.

LUCCHESI, Anita. **História e Historiografia Digital**: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. ANPHU 2013.

MALERBA, Jurandir. **Acadêmicos na Berlinda**. História da Historiografia. Ouro Preto: 2014.

MATA, Sérgio da. Depois do fim do platonismo fenomenológico: Hermann Lübbe e a descrição da aceleração civilizacional moderna. **Civitas**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 523-541, set.-dez. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/civitas/v17n3/1519-6089-civitas-17-03-0523.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.

MATA, S. e PEREIRA, M. **Introdução**: Transformações de experiência do tempo e pluralização do presente. In: Tempo presente & usos do passado. Flávia Varela (Org.) [et al.]. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Comemorar, Celebrar, Refletir. Sentidos da Comemoração**. São Paulo, v.1, n.20, p.329-331, abr.2000.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. Imagem, história e ciência. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. **Cienc. Hum.**, Belém, v. 9, n. 2, p. 283-286, maio-ago. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v9n2/a02v9n2.pdf>. Acesso em: 17 out. 2017.

MOIMAZ, Érica Ramos. Implicações do uso da imagem no ensino de história: limites e possibilidades. UNOPAR cient., **Cienc. Human., Educ.**, Londrina, v. 13, n.2, p.59-64, out.2012. Disponível em: <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/ensino/article/viewFile/695/661>. Acesso em: 17 out. 2017.

MONTE, Nietta Lindenberg. E agora, cara pálida? Educação e povos indígenas, 500 anos depois. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 118-133, Dec. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782000000300008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782000000300008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 16 set. 2016.

NICOLAZZI, Fernando. **A História entre tempos**: François Hartog e a conjuntura historiográfica e contemporânea. História: Questões & Debates. Curitiba, nº53. Jul. Dez. 2010 Editora UFPR.

NORA, Pierre. **O retorno do fato**. In: História: Novos Problemas, direção de Jacques Le

Goff e Pierre Nora; tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro, F. Alves. 1988.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. Imaginário Histórico e Poder Cultural: as Comemorações do Descobrimento. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 14, n° 26, 2000, p. 183-202. Disponível em: [bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2122/1261](http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2122/1261). Acesso em: 23 jul. 2017.

ORTIZ, Renato. **O mercado de bens simbólicos**. In: A moderna tradição brasileira. Editora Brasiliense Bauru, São Paulo. 1991.

PEREIRA, Mateus Henrique Faria. **A Máquina da memória: O tempo presente entre a história e o jornalismo**. EDUSC, Bauru – SP, 2009.

PIMENTA, João Paulo; ATTI, César Augusto; CASTRO, Sheila Virgínia; DIMAMBRO, Nadiesta; LANNA, Beatriz Duarte; PUPO, Marina e VIEIRA, Luís Otávio. **A independência e uma cultura de história no Brasil**. FFLCH/USP. São Paulo. Maio 2014.

PORTO, Mauro. **Enquadramento da mídia e política**. In: Comunicação e política – conceitos e abordagens. Salvador/São Paulo: edufba/Editora Unesp, 2004.

SÁBADA, Teresa. **Framing: el enquadre de las noticias. El bonómio terrorismo-medios**. Buenos Aires, La Crujía;2007.

SAPERAS, Enric. **El estudio del formato como estrategia de desarrollo de las teorías del enfoque (framing, priming y agenda setting)**. Asociación Española de Investigaciones de la comunicación. Mesa 1.5 Teorías y métodos: acerca de la teoría del enfoque (framing). 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/autor?codigo=824148>. Acesso em: 28 set. 2017.

SARAIVA, José Flávio Sombra. 500 anos de relações entre Brasil e Portugal. **Rev. bras. polít. int.**, Brasília, v. 43, n. 1, p. 189-191, jun. 2000. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-7329200000100013>. Acesso em: 16 set. 2016.

SAVIANI, Dermeval. 500 anos de educação no Brasil. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, n. 14, p. 187-188, agosto de 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782000000200017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782000000200017&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 16 de set. 2016.

SCALZO, Marília. **Jornalismo em revista**. Contexto. São Paulo. 2004.

SCHWAAB, Reges Toni; TAVARES, Frederico de Mello Brandão. O tema como operador de sentidos no jornalismo de revista. **Revista Galaxia**, São Paulo, n.18, p. 180-193, dez, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/2650/1690>. Acesso em: 16 set. 2016.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 3ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Kelly Cristiane da. A nação cordial: uma análise dos rituais e das ideologias oficiais de "comemoração dos 500 anos do Brasil". **Rev. bras. Ci. Soc.** [online]. 2003, vol.18, n.51,

pp.141-160. ISSN 0102-6909. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092003000100010>. Acesso em: 16 set. 2016.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SILVA, Helenice Rodrigues. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História São Paulo**, v, 22, nº44. p. 425-438. 2002. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14006.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14006.pdf). Acesso em 16 set. 2016.

SOUZA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Argos. Chapecó. 2002.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. O jornalismo especializado e a especialização periodística. **Estudos em Comunicação** nº5. Universidade do Vale dos Sinos. Maio 2009. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>. Acesso em: 16 set. 2016.

